

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Marina de Castro Cabral

A voz independente:

Criação de um canal de podcast expandido para divulgação de artistas locais

Juiz de Fora

2024

Marina de Castro Cabral

A voz independente:

Criação de um canal de podcast expandido para divulgação de artistas locais

Memorial descritivo apresentado como pré-requisito para a obtenção do grau de bacharel do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Profa. Dra. Janaina de Oliveira Nunes Ribeiro.

**Juiz de Fora
2024**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cabral, Marina de Castro.

A voz independente : Criação de um canal de podcast expandido para divulgação de artistas locais / Marina de Castro Cabral. -- 2024. 71 p. : il.

Orientadora: Janaina Nunes

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2024.

1. Música independente. 2. Artistas locais. 3. Podcast . 4. Reportagem radiofônica expandida. 5. Multimídia. I. Nunes, Janaina, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Acredito que todas as pessoas que passam pela nossa vida contribuem de alguma forma para o nosso crescimento. Sou muito sortuda por ter ao meu lado pessoas que me incentivam e torcem pelo meu sucesso, sem vocês eu não teria conseguido concluir essa etapa.

Agradeço aos meus pais, Vanessa e Mário, e aos meus avós, Nilcea e Jair, por sempre estarem presentes me dando apoio durante todas as etapas da minha vida. Aos meus irmãos, Monique e Vinicius por serem minhas maiores inspirações e por sempre acreditarem nos meus sonhos. E à minha irmã de coração, Ana Carolina, por me incentivar ao máximo em todas as áreas da minha vida.

Agradeço especialmente aos meus amigos da faculdade que estão comigo desde o primeiro período, Lara, João Vitor e Marcus, por fazerem dessa experiência mais leve e por compartilharem dos medos, angústias, alegrias e conquistas junto comigo. Sem vocês essa experiência não teria sido a mesma.

Aos meus calouros que se tornaram grandes amigos que levarei para a vida, obrigada por todo o apoio e incentivo durante esse período, vocês se tornaram parte essencial na minha jornada de graduação.

Sou grata aos projetos que participei durante a faculdade que moldaram tanto a minha vida profissional, quanto pessoal.

Obrigada a todos os entrevistados que toparam participar desse projeto, a personalidade e vivência de cada um deu vida às ideias que eu tinha na minha cabeça de uma forma incrível.

Agradeço muito à minha orientadora, Janaina Nunes, por ter aceitado participar desse trabalho final, sempre me guiando pelos melhores caminhos e se mostrando presente durante todo esse processo.

RESUMO

A indústria fonográfica passou por diversas transformações ao longo dos anos. Alguns fatores como o avanço tecnológico, a criação de plataformas de *streaming* e a possibilidade de maior compartilhamento de produtos musicais, contribuem para a ascensão de artistas independentes. Nesse sentido, este Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo pretende incentivar uma reflexão sobre a indústria fonográfica brasileira e suas nuances, com ênfase nas diferenças entre produções independentes e *mainstream*. Para dar voz a essa discussão foi desenvolvido um trabalho prático com a criação de um canal multimídia, intitulado “A voz independente”, explorando de forma experimental o conceito de reportagem radiofônica expandida (Viana, 2018). O tema foi trabalhado por meio de entrevistas com artistas independentes e produtores de música. Para o desenvolvimento e publicação da série de podcasts foi criado um site por meio da plataforma Wix, com design exclusivo, recursos textuais, vídeos e imagens para complementar a produção em áudio.

Palavras-chave: Música independente; Artistas locais; Podcast expandido; Jornalismo independente; Juiz de Fora.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página inicial do site Podcast TMDQA!	19
Figura 2 - Página inicial do site Podcast Discoteca Básica	20
Figura 3 - Página inicial do site Vamos Falar Sobre Música?	21
Figura 4 - Página “Episódios” do site Vamos Falar Sobre Música?	22
Figura 5 - Página inicial do site Rádiofobia Podcast Network	23
Figura 6 - Imagem da página inicial	28
Figura 7 - Página dos entrevistados	29
Figura 8 - Subpágina dos entrevistados	29
Figura 9 - Seção sobre o projeto	30
Figura 10 - Página da <i>Playlist</i>	30
Figura 11 - Seção do formulário interativo	31
Figura 12 - Âncora dos episódios	32
Figura 13 - Subpágina dos episódios	33
Figura 14 - Capa do podcast	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ARTISTAS INDEPENDENTES E NOVAS FORMAS DE DIVULGAÇÃO NOS MEIOS DIGITAIS	10
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA INDÚSTRIA MUSICAL	10
2.2 A INDÚSTRIA FONOGRÁFICA E OS ARTISTAS INDEPENDENTES	13
3. PODCAST EXPANDIDO	17
3.1 PODCASTS E CANAIS DE REFERÊNCIA	18
3.1.1 Tenho Mais Discos Que Amigos	18
3.1.2 Discoteca Básica.....	20
3.1.3 Vamos Falar Sobre Música?	21
3.1.4 Rádiofobia Podcast	22
4. EXPANDINDO O SOM	24
4.1 MOMENTO DA PRÉ-PRODUÇÃO	25
4.2 A PRODUÇÃO	27
4.3 EDIÇÃO FINAL	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE A - ROTEIRO DO EPISÓDIO 1	39
APÊNDICE B - ROTEIRO DO EPISÓDIO 2	48
APÊNDICE C - ROTEIRO DO EPISÓDIO 3	60

1. INTRODUÇÃO

Os artistas independentes são aqueles que utilizam seus próprios recursos para criar e produzir sua arte. Desse modo, é possível observar que há uma autonomia maior no âmbito criativo, já que não possuem vínculo com nenhuma gravadora ou selo.

De acordo com a primeira edição da Pesquisa do Mercado Brasileiro da Música Independente realizada pela Associação Brasileira da Música Independente (ABMI) divulgada em dezembro de 2020, o segmento de música independente no Brasil vem aumentando cada vez mais, assim como as oportunidades para esse nicho. Ainda de acordo com a pesquisa, artistas independentes emplacaram mais da metade dos hits que atingiram o Top 200 do Spotify Brasil no ano de 2019, representando 53,52% do total.

Esses dados evidenciam um cenário de oportunidades para os artistas independentes no país. Porém, essa autonomia também apresenta pontos negativos, principalmente no âmbito financeiro, já que esses artistas não possuem contrato com grandes investidores, o que pode dificultar a produção e divulgação de seus trabalhos.

Para entender melhor o universo atual da música independente, neste trabalho se baseia em quatro frentes principais: o contexto histórico da música independente, o contexto musical de Juiz de Fora, a influência dos avanços tecnológicos na forma de produzir e consumir música e o estudo de referências de podcasts expandidos (Viana, 2018).

A proposta deste trabalho é entender e refletir sobre o cenário da música independente em Juiz de Fora, considerando os avanços tecnológicos que impactam a indústria fonográfica, a partir de entrevistas em áudio com um produtor de música, cantoras com carreiras consolidadas e jovens artistas que já começaram suas carreiras com a presença do digital muito forte no cotidiano.

Dessa forma, foi desenvolvido um projeto experimental autoral que consiste na criação de um canal de podcast e de um site voltado para esse segmento da música. Seguindo a tendência dos podcasts expandidos, optei pela criação do site na plataforma Wix com materiais extras, como vídeos e fotos, para complementar a experiência do ouvinte. Porém, antes de partir para a prática, foi necessário buscar embasamento teórico e referencial para a criação do projeto. Como pesquisa de referências para a criação, foi feito um breve estudo dos canais de podcasts “Discoteca básica”, “Toca o Disco”, “Vamos falar sobre música?” e “Rádiofobia classics”, que abordam temática semelhante à pretendida neste projeto. Já no material teórico, me embasei

nos trabalhos dos pesquisadores que possuem como objeto de estudo a música independente, como Vicente (2005), Arruda (2019) e Passos (2015).

A escolha do tema deste trabalho de conclusão de curso se deu, principalmente, pelo meu gosto pessoal e minha vontade de divulgar as diversas produções que são feitas na nossa cidade, mas que não são valorizadas como deveriam. Diante disso, a partir do meu objetivo e das referências, concluí que as pautas abordadas nos podcasts seriam: O contexto da produção musical independente em Juiz de Fora; A vivência de mulheres no cenário da música independente; A ascensão de novos artistas na cena independente. A princípio serão três episódios, mas pretendo continuar essa pesquisa e criação após a graduação.

2. ARTISTAS INDEPENDENTES E NOVAS FORMAS DE DIVULGAÇÃO NOS MEIOS DIGITAIS

Este capítulo tem como objetivo contextualizar a ascensão das produções independentes simultaneamente à criação de novos meios de consumo e divulgação de música, a partir da criação da internet banda larga. Nesse sentido, será abordado o contexto histórico da indústria fonográfica e como as mudanças tanto nas gravadoras, quanto na internet, afetaram a forma de produzir e consumir os conteúdos, e de que forma essa nova realidade proporcionou mais espaço para os artistas independentes.

Além disso, será abordado o conceito de reportagem radiofônica expandida para a construção do site que abrigará as entrevistas realizadas por meio de podcast com artistas da cena independente na parte prática do projeto. Para isso, serão analisados sites de podcasts já existentes que possuem elementos multimídia e servirão de referência para a criação deste projeto.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA INDÚSTRIA MUSICAL

Para entender o funcionamento da indústria musical atualmente, é necessário abordar momentos históricos que culminaram no cenário atual. Nesse sentido, até a década de 1960 percebe-se que as gravadoras possuíam um monopólio em relação aos estúdios de gravação, em uma época em que os fonogramas e toca-discos eram os meios utilizados para o consumo de música (Cossio et al., 2010). Já nas décadas de 1980 e 1990, a difusão de tecnologias com preços mais baixos aumentou o acesso a estúdios, elevando as oportunidades de trabalho para artistas com menor orçamento e que não possuíam vínculos com gravadoras. Além disso, esse cenário possibilitou também o surgimento das primeiras gravadoras independentes.

Apesar do crescimento das gravadoras na década de 1990, não houve, em um primeiro momento, um movimento de adaptação dessas empresas ao surgimento da internet e suas possibilidades de comercialização. Nesse contexto, a chegada da banda larga revolucionou a forma de consumir e distribuir música. A indústria de música digital surge com o MP3 e sua possibilidade de compartilhar música através da internet. Além disso, os programas de computadores foram desenvolvidos e possibilitaram a criação de cópias digitais das músicas armazenadas em CD's, por exemplo. A partir desse momento, as vendas de CD's despencaram

e as músicas passaram a ser cada vez mais compartilhadas ilegalmente, o que dificultou o trabalho das gravadoras para encontrar uma solução rentável frente ao problema da pirataria. (Campos, 2010)

Ademais, em junho de 1999, sucedeu uma invenção significativa para a indústria da música digital. Os universitários Shawn Fanning e Sean Parker surgiram com a ideia de criar uma plataforma de *streaming* específica para o compartilhamento de música on-line chamada Napster. Desde então, a plataforma tomou o espaço das grandes gravadoras que precisaram reduzir os custos, através da demissão de funcionários e contratação de menos artistas, principalmente os independentes (Campos, 2010). Essa nova realidade afetou severamente a indústria musical, as redes *peer-to-peer* (P2P) possibilitavam o *download* de arquivos diretamente do computador de outras pessoas, o que resultou no fim do monopólio da indústria. Dessa forma, Fanning e Parker subjugaram o sistema criado pelas gravadoras que estava em vigor há anos que permitia ao artista, empresário e intermediário receberem uma porcentagem de cada disco vendido.

Além do Napster, outros sites foram criados visando o compartilhamento de música clandestinamente, sendo o The Pirate Bay um dos maiores exemplos da pirataria digital. Originado na Suécia, o site foi fechado diversas vezes ao longo de sua história, porém o impacto foi mínimo para os consumidores de pirataria, já que muitos sites similares começaram a surgir. Em relação aos impactos da tecnologia na indústria musical, a pesquisadora Simone de Sá afirma:

É inegável que toda a cadeia de produção, circulação e consumo da música foi afetada pelas tecnologias surgidas a partir da cibercultura... Aliados ao desenvolvimento da rede internet, do MP3, de programas de troca de música e de players, armazenamento e distribuição não são mais problema, permitindo potencialmente, a aproximação de produtos e consumidores. (Sá, 2009, p. 2)

Portanto, percebe-se que o grande aumento no mercado de música digital foi pautado pelo crescimento da aquisição on-line. A emergência e solidificação do consumo musical em plataformas de *streaming*, a partir dessas novas dinâmicas proporcionaram diferentes formas de adquirir música, levando em conta os diferentes tipos de consumidores e artistas. Desse modo, os serviços de *streaming* surgiram em um contexto único e representam o mais recente desenvolvimento na distribuição da música. A tecnologia utiliza a transmissão on-line dos dados

ao invés de fazer o *download* direto para o disco rígido do computador, como fazia o MP3, por exemplo. Logo, o consumidor é capaz de ouvir a música, mas não mantém a posse dela.

Atualmente, a plataforma de *streaming* de música mais utilizada no mundo é o Spotify, com mais de 442 mil usuários ativos, segundo uma pesquisa da Midia Research¹ (2021). Nesse sentido, Sean Parker, um dos criadores da Napster, foi responsável por investir e negociar pela entrada do Spotify no mercado americano. A plataforma simbolizou o novo momento da indústria fonográfica, trazendo uma alternativa em relação à pirataria e praticidade aos consumidores que têm acesso às músicas sem precisar ocupar muito espaço de armazenamento nos aparelhos. Os usuários da plataforma fazem o *download* na versão *desktop* ou aplicativo para celular e podem ter acesso a um catálogo com 82 milhões de músicas. Pode-se utilizar o Spotify de forma gratuita ou adquirir o plano premium que possui vantagens como poder escutar as músicas baixadas de maneira off-line.

Simultaneamente à disseminação de música de forma ilegal, ocorria também a violação dos direitos autorais em grande escala, já que as cópias dos trabalhos eram distribuídas de forma não autorizada. Nesse contexto, as grandes gravadoras começaram a pensar em medidas de proteção para conter o fluxo de pirataria digital e outras questões como o pagamento dos músicos e retorno financeiro das gravadoras começaram a ser levantadas durante esse período. Essas indagações surgem porque os contratos estabelecem que o artista só começa a receber pagamento depois de atingir o chamado *breakeven* (todo o investimento da gravadora deve ser pago para que os artistas comecem a receber), esse mecanismo é implementado a fim de garantir o investimento inicial em publicidade, estúdio, promoção e design.

É nesse contexto que as plataformas de *streaming* entram com a proposta de favorecer os artistas, criando uma forma de monetizar o uso e apreciação de seu trabalho. Com isso, houve o aumento dos serviços de *streaming* e concomitantemente uma baixa de -9,4% no formato MP3 no mercado de música digital, além de uma queda na venda de CDs em média de 14,9%, enquanto as assinaturas de plataformas de *streaming* aumentaram em 57% (Nielsen, 2014).

Portanto, percebe-se que o avanço tecnológico foi um grande fator para a evolução na forma de consumo e distribuição de música ao longo dos anos, até chegar ao momento atual com a predominância das plataformas de *streaming*. Com isso, vê-se a internet como um agente ativo

¹ A pesquisa do Midia Research foi realizada no ano de 2021 e seus dados podem ser acessados pelo link: (<https://www.midiaresearch.com/blog/music-subscriber-market-shares-q2-2021>)

na disseminação e divulgação de trabalhos, o que serve como vantagem para artistas independentes, já que se torna mais fácil alcançar um público maior por meio das redes sociais e dos *streamings*. Por isso foi escolhido a criação de um site para o repositório dos podcasts neste projeto de TCC, visando atrair mais visibilidade em um mesmo lugar para os artistas que já possuem músicas em outras plataformas.

2.2 A INDÚSTRIA FONOGRÁFICA E OS ARTISTAS INDEPENDENTES

O conceito de música independente foi criado para indicar os artistas e bandas que faziam música sem nenhum vínculo com as gravadoras multinacionais, chamadas de *majors*. No Brasil, o marco para a produção musical independente é considerado o disco “Feito em casa” de Antônio Adolfo em 1977 (Vicente, 2005), a partir desse projeto percebe-se a formação de uma cena musical autônoma e razoavelmente articulada. Até o final da década de 1970, era difícil a criação de uma cena independente mais articulada, já que existiam poucas possibilidades de divulgação devido à falta de tecnologia disponível na época. Dessa forma, o público desses artistas era mais limitado a bares e casas noturnas, por exemplo. Além disso, as indústrias assimilavam diversos tipos de tendências e artistas do meio urbano, o que significava mais espaço dentro das gravadoras para artistas de diferentes gêneros. Porém, com a grande crise econômica no país na década de 1980 o cenário muda. Nesse contexto, a indústria aumenta sua seletividade, racionaliza sua atuação, reduz os seus funcionários e passa a marginalizar artistas que não se classificavam dentro dos segmentos que o mercado passa a privilegiar (Vicente, 2005).

Assim, a cena independente surge tanto como espaço de resistência cultural e política à nova organização da indústria quanto como a única via de acesso ao mercado disponível para um grande grupo de artistas. O músico e produtor Lelo Nazario comentou sobre a profundidade presente na definição de arte independente para o jornal a Folha de São Paulo em 1982, onde ele diz que:

[...] arte independente é toda aquela que, partindo de uma nova ordem de valores que contrariam visceralmente os valores comerciais do sistema, pretende transformar aqueles que se dispõem a transformar a sociedade de armazém de mercadorias em um ambiente humano, onde as relações entre as pessoas não sejam mais regidas pelos interesses impostos de cima para baixo, mas pelos desejos autênticos dos indivíduos: os que suscitam a arte e a produzem.” (Nazario, 1982)

Nesse sentido, o artista independente não ficava apenas responsável pela etapa criativa de composição e arranjo de músicas, era necessário um grau de compreensão de todos os aspectos presentes nas etapas desde a produção, até a comercialização do disco. A partir dos anos 1990, as gravadoras independentes começaram a ocupar um espaço que era anteriormente dominado pelas *majors* (que perderam o monopólio com a chegada da internet), cuidando tanto da formação de novos artistas quanto da prospecção e atendimento a segmentos musicais emergentes ou de mercado muito restrito. É possível observar também uma nova relação entre o mercado e artistas independentes que ocorreu pelo fato de novos proprietários de selos terem vindo das *majors*, normalmente descartados por políticas de contenção de custos e terceirização de atividades.

Já na década dos anos 2000, as amplas possibilidades de divulgação e distribuição musical oferecidas pela internet, aliada à crescente concentração da atuação das *majors* em poucos artistas e segmentos, aumentaram muito as possibilidades de atuação de uma gravadora independente fora do âmbito de influência das grandes empresas. Para a indústria fonográfica, a presença on-line tem o poder de reconfigurar as condições de negociação, que percorre desde as formas de administrar a propriedade intelectual, até a criação de novas práticas de consumo e a conversão dos ouvintes em agentes participativos. Esses processos estabelecem novas formas de consumo marcadas pela expansão no formato de escuta, possibilitando uma difusão social e cultural mais ampla. A prática de ouvir música em qualquer lugar e a qualquer momento marca um comportamento simbólico da contemporaneidade (Vicente, 2005).

Dessa forma, as plataformas de *streaming* da internet, sobretudo de espaços que disponibilizam música sob demanda, como exemplo Spotify, Deezer e Youtube, são grandes aliadas no lançamento e divulgação dos trabalhos gravados em estúdios independentes, já que através delas é mais fácil alcançar um grande público. Aliado às plataformas de *streaming*, existe outro suporte que vem crescendo no Brasil desde o início da década que são os projetos de financiamento coletivo, também conhecidos como *crowdfunding*. Eles permitem que as pessoas doem uma certa quantidade de dinheiro para algum projeto de artistas ou bandas (CD, turnê, produção audiovisual, entre outros) em troca de alguma recompensa. Em Juiz de Fora, temos o exemplo da banda Roça Nova, que em 2022 realizou um financiamento coletivo para a confecção de um disco de vinil do álbum Tramoia. Quando atingida a meta, eles conseguiram realizar a confecção e as pessoas que participaram do financiamento ganharam além do vinil, uma blusa, um imã de geladeira, um pôster e um adesivo da banda.

Com o *crowdfunding* os músicos trazem o público como parceiro de suas ações, uma ponte que antes era feita pelas grandes gravadoras. Apesar de não oferecer um retorno financeiro imediato aos artistas, essas ações proporcionam visibilidade e permitem determinar como as obras devem ser usadas, inclusive em âmbitos comerciais. Além disso, as plataformas de licenciamento musical também trazem grandes oportunidades para os artistas independentes (Oliveira, 2017). Elas consistem na oferta de licenças para o uso das músicas em obras audiovisuais, ou seja, há um acervo de músicas pré-licenciadas por autores e detentores de direitos autorais que podem ser selecionadas para o mercado de audiovisual, por exemplo, em novelas, filmes ou publicidades, além de oferecerem negociações rápidas. Logo, a partir da proximidade com as novas tecnologias e as novas possibilidades de gravação, produção e distribuição, surge uma nova onda de música independente no mercado.

As transformações observadas na produção musical e na distribuição podem ser representadas em três grandes forças: a democratização das ferramentas de produção, a democratização da distribuição e a conexão entre oferta e demanda. A reunião dessas três forças propiciou a utilização do conceito da “cauda longa” na indústria da música, criado pelo físico e escritor norte-americano Chris Anderson. Esta é uma tendência a mudar de um mercado de massa para um nicho de mercado segmentado (Côtés et al., 2008), onde alguns hits mais vendidos podem dar origem a muitos hits de baixa vendagem. Assim, o termo “cauda longa” se refere a criação de uma estratégia que busca atingir coisas que possuem pouca demanda, em oposição às que têm muita procura.

Dessa forma, a partir do uso das tecnologias digitais, percebe-se uma maior facilidade no consumo de variados gêneros e artistas musicais, permitindo novas formas de trabalho acerca da música que consequentemente geram outras formas de organização, armazenagem, distribuição e consumo, diminuindo a distância entre artista e público. Assim como a criação sonora, ações e providências técnicas e burocráticas que eram de ficavam a cargo de gravadoras ou pessoas específicas se encontram à disposição dos artistas. A possibilidade de utilização dessas ferramentas faz com que o artista se torne responsável pelo processo completo de sua arte, desde a origem até o encontro com o público:

Você não precisa de uma distribuidora, porque sua distribuidora é a Internet. Você não precisa de uma gravadora, porque ela está em seu quarto, e você não precisa de um estúdio de gravação, porque esse é seu computador. Você faz tudo isso sozinho. (Frere-Jones, 2005).

Portanto, percebe-se que a disponibilidade tecnológica possibilita uma arma na luta contra a massificação, onde a diferenciação a partir dos gostos individuais de cada pessoa é o ponto fundamental. Essa realidade abre cada vez mais espaço para os artistas independentes na concepção de seus trabalhos, tendo em vista a facilidade de produção e distribuição de suas músicas por meio da internet.

3. PODCAST EXPANDIDO

Este projeto de TCC pretende criar reportagens radiofônicas expandidas que serão disponibilizadas em um site criado posteriormente pela plataforma Wix. Assim, é preciso entender o conceito desse tipo de reportagem e como ela se diferencia de uma reportagem tradicional.

As reportagens radiofônicas na web possuem tanto características derivadas do rádio, quanto das reportagens multimídia. A junção desses formatos quando observada sob uma ótica do rádio expandido (Kischinhevsky, 2016) resulta no que chamamos de reportagens radiofônicas expandidas. Nessas construções são utilizados elementos de produções multimídia para atenderem aos objetivos da produção de rádio. Além disso, são empregados elementos multimidiáticos com a finalidade de diversificar a audiência, complementar as informações presentes nos áudios e possibilitar múltiplos caminhos de leitura para o ouvinte-internauta.

A partir do momento que o rádio começa a ocupar outros espaços, a reportagem radiofônica mantém suas características principais, ao mesmo tempo que também se apropria das potencialidades das novas plataformas para construir as narrativas. Dessa forma, o áudio continua sendo o destaque nas produções e funciona como um eixo condutor, principalmente quando os textos que o acompanham ocupam o papel do narrador explícito. Já a sua linguagem, por exemplo, divide espaço com outros formatos como vídeos e fotografias, configurando a multimidialidade decorrente da convergência de mídias, onde temos vários formatos juntos para compor uma narrativa.

A produção de uma reportagem multimídia visa maior profundidade e contextualização do tema abordado e na maioria das vezes o produto é exclusivo para a plataforma digital. Um grande diferencial nesse tipo de construção é a possibilidade de atualização contínua do conteúdo, algo que só pode ser feito pela web. Percebe-se então, que quando uma reportagem radiofônica é produzida no meio digital, o áudio será o principal elemento da estrutura, mesmo com a presença de outros elementos midiáticos. As outras ferramentas como imagens, textos, vídeos, entre outros, são chamadas de elementos parassonoros (Kischinhevsky; Modesto, 2014).

As produções que se enquadram de forma ideal nesse conceito são caracterizadas por possuírem o áudio como destaque; seus arquivos sonoros devem ser multiplataforma e apresentarem possibilidade de compartilhamento, o que proporciona a circulação de conteúdos; os arquivos sonoros devem ser construídos com uma linguagem radiofônica

e com um relato humanizado; deve haver utilização de elementos parassonoros e criação de banco de dados; e a reportagem tem que oferecer uma leitura multilinear e interação com os ouvintes-internautas. Esses atributos se encaixam nas cinco categorias que Kischinhevsky (2016). (Viana, 2018 p. 121)

Nesse contexto, percebe-se que o perfil geral da informação se aproxima das características intimistas e humanizadas dos relatos, assim como no rádio, além de oferecer uma perspectiva mais aprofundada do fato, contribuindo para a criação do imaginário do ouvinte. Além disso, a reportagem precisa ser multilinear, permitindo que o internauta escolha o caminho que deseja seguir ao acessar as informações. Portanto, o projeto de TCC será construído com base nos conceitos apresentados acima que definem uma reportagem radiofônica expandida. No entanto, para a criação desses canais digitais multimídia que servirão de suporte e divulgação dos podcasts desenvolvidos, consideramos importante fazer um levantamento de referências apresentando podcasts expandidos já existentes, que atuam na área de divulgação musical, a fim de buscar inspiração no mercado para o desenvolvimento deste projeto experimental.

3.1 PODCASTS E CANAIS DE REFERÊNCIAS

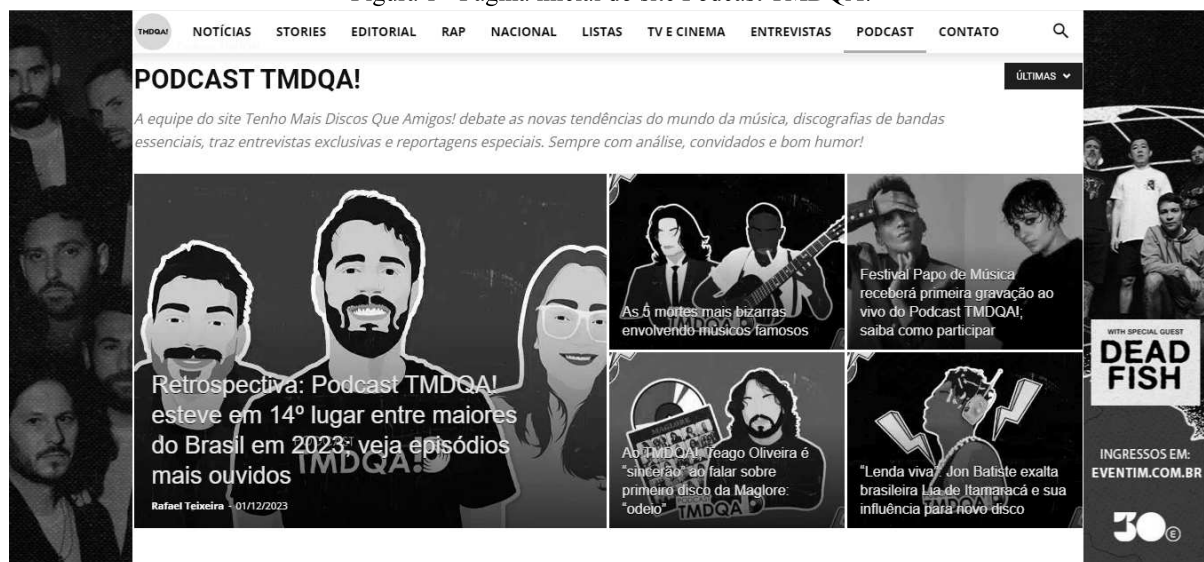
Considerando os conceitos da reportagem radiofônica expandida, partiremos para a apresentação de referências de sites que possuem podcasts expandidos que servirão de base para a construção deste projeto de TCC. Tendo em vista que o objeto de estudo é a música independente, foram selecionados quatro podcasts diferentes que tratam sobre a música em um contexto amplo. Alguns pontos analisados serão a história, quem são os produtores, qual o tipo de conteúdo, se existe ou não a presença em outras redes sociais e o design de cada um. Essa análise interpretativa servirá como base para a criação do podcast “A voz independente”.

3.1.1 Tenho mais discos que amigos

O primeiro canal de podcast a ser analisado é o “Tenho mais discos que amigos”. Ele foi criado em 2009 e tem o intuito de entender as tendências para o futuro da música no Brasil e no mundo. Além disso, há episódios especiais sobre grandes nomes da MPB e os documentários do “Melodias Narradas”, série de reportagens com especialistas em formato storytelling. O programa é quinzenal e possui em média 1 hora e 30 minutos de duração, sendo apresentado por Rafael Teixeira e Nathália Pandeló.

No momento em que foi analisado, o site possuía um banner promocional para o show da banda “You me at six” no Brasil, que deve mudar de acordo com novos lançamentos/eventos musicais. Na aba dos podcasts, os episódios são organizados de forma similar a sites de notícias, com o título de cada assunto e uma foto ilustrativa. O podcast possui uma página ativa no instagram, com conteúdos relacionados ao site e uma conta do twitter que também está ativa, ambos servem como forma de divulgação para os episódios. Este exemplo é o que mais se assemelha com o conceito de reportagem radiofônica expandida explicado anteriormente, já que possui uma grande quantidade de elementos multimídia dentro de cada episódio.

Figura 1 - Página inicial do site Podcast TMDQA!



Fonte: <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/category/podcasts/>

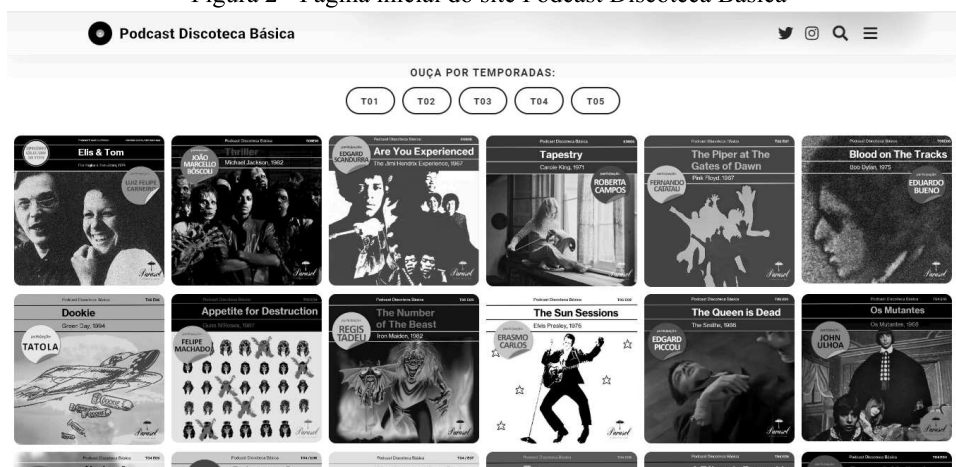
Além disso, a página de cada episódio apresenta uma reportagem escrita sobre o assunto abordado no podcast, com o player do Spotify e diversos recursos multimídia como vídeos no YouTube para ilustrar a matéria. Ao longo da reportagem também são utilizados hiperlinks para que o leitor tenha uma experiência completa ao longo da leitura. Esse podcast foi escolhido como referência devido ao uso de recursos multimídia variados (como vídeos, fotos e hiperlinks) e pela linguagem descontraída presente nos episódios.

3.1.2 Podcast Discoteca Básica

O segundo podcast expandido a ser analisado é o “Podcast Discoteca Básica”. Ele foi criado em agosto de 2020 pelo jornalista e apresentador do programa Ricardo Alexandre. O programa semanal vai ao ar todas às segundas-feiras e possui em média 60 minutos de duração. O podcast tem a proposta de “*deep listening*” que consiste numa relação imersiva e histórica dos álbuns propostos em cada episódio, o programa oferece ferramentas para que o público se relacione com os álbuns de uma maneira inovadora.

O site oferece um card personalizado para cada episódio com uma arte correspondente a cada álbum analisado, separados por temporadas. Além disso, a página de cada episódio apresenta o player do YouTube onde você pode assistir a gravação do podcast e outras plataformas de *streaming*, como Spotify, Amazon Music, Itunes, entre outros. O podcast possui uma página ativa no Instagram, com conteúdos relacionados ao site e uma conta do Twitter que está inativa desde outubro de 2022. O site possui um plano de fundo branco, e na página principal (figura 2) estão todos os episódios dispostos em cards retangulares personalizados com a capa de cada álbum.

Figura 2 - Página inicial do site Podcast Discoteca Básica



Fonte: <https://podcastdiscotecabasica.com/>

O site foi escolhido como referência por causa de seu design moderno com as capas dos episódios parecendo capas de álbuns, pela disposição dos elementos no site e pelo conteúdo que dialoga com a proposta do projeto. Apesar dos pontos positivos, não há uso de recursos multimídia, como vídeos e fotos, apenas hiperlinks. Os episódios apresentam apenas o player de áudio e uma breve descrição técnica dos participantes e sobre o assunto tratado.

3.1.3 Vamos falar sobre música?

O terceiro podcast expandido que iremos analisar é o “Vamos falar sobre música?”. Ele foi criado em 2018 e se consolidou como um dos podcasts de música mais populares do Brasil. O programa vai ao ar todas às segundas e quintas-feiras, sendo apresentado por Isadora Almeida, Nik Silva, Cleber Facchi e Renan Guerra. A proposta do podcast é aprofundar nas principais discussões sobre a cultura pop, trazendo os últimos lançamentos do universo da música de forma leve e descontraída, além de revisitarem grandes obras nacionais e internacionais.

O site possui uma estética colorida, com um banner com textura granulada e degradê com tons de azul e vermelho, com o nome do podcast na frente (figura 3). Ele também oferece um card personalizado para cada episódio com uma arte correspondente a cada assunto analisado na aba “Episódios” (figura 4). Além disso, a página de cada episódio apresenta uma pequena descrição do assunto e o player do Spotify para você ouvir. O podcast possui uma página ativa no Instagram, com conteúdos relacionados ao site e uma conta do Twitter que também está ativa, ambos servem como forma de divulgação para os episódios. Na página principal estão todos os episódios dispostos em cards retangulares personalizados com a capa de cada tema.

Figura 3 - Página inicial do site Vamos Falar Sobre Música?



Fonte: <https://vamosfalarsobremusica.com.br/>

Figura 4 - Página “Episódios” do site Vamos Falar Sobre Música?



Fonte: <https://vamosfalarsobremusica.com.br/eps-4-0/>

Assim como o “Podcast Discoteca Básica”, esse também possui poucos recursos multimídia, como fotos, vídeos e hiperlinks. Em cada episódio há uma descrição muito breve sobre o assunto e o player do Spotify. Os pontos positivos são o design jovem, com as artes bem produzidas para cada episódio e as cores do site, e a linguagem utilizada que segue um padrão mais jovem e descontraído. Para o projeto de TCC serão utilizados mais recursos de texto, foto e vídeo.

3.1.4 Rádiofobia Podcast

O quarto e último podcast expandido para ser analisado é o “Rádiofobia Podcast”. Ele foi criado em março de 2009 por Leo Lopes e Quessa. O site possui, na verdade, uma rede de podcasts que se expandiu e virou a Rádiofobia Podcast Network, onde já tiveram mais de 20 integrantes e centenas de convidados. O programa Rádiofobia Classics fala sobre a biografia e grandes sucessos do mundo da música mundial e é apresentado por Leo Lopes.

O site possui uma estética com cores neutras, como preto e branco, e a página principal possui um banner com fotos de rádios antigos e um filtro preto por cima. O texto principal direciona o ouvinte para diversas plataformas onde ele pode ouvir os podcasts presentes na rede. Ele oferece cards personalizados para cada podcast do site, onde você pode clicar e escolher o episódio do assunto que preferir. Além disso, a página de cada episódio apresenta uma pequena descrição do assunto e o player de áudio do site para você ouvir ou o vídeo no YouTube com a

gravação. O podcast possui um perfil pouco utilizado no Instagram, com apenas quatro posts e uma conta do Twitter que também está pouco ativa.

Figura 5 - Página inicial do site Rádiofobia Podcast Network



Fonte: <https://radiofobia.com.br/podcast/>

Em cada episódio do podcast, existe uma arte personalizada com a estética de bonecos e um fundo vermelho, relacionado a cada assunto tratado. Em relação aos recursos multimídia, as únicas fotos presentes nos episódios são as artes de capa, diferente dos outros dois podcasts analisados anteriormente, este apresenta a opção de vídeo (além do player de áudio) com a conversa dos participantes gravada por chamada de vídeo. Além disso, a parte escrita apresenta mais informações e há um bom uso de hiperlinks. Apesar do conteúdo não dialogar com o projeto, a premissa é a mesma em termos de estética e utilização de recursos multimídia.

4. EXPANDINDO O SOM

Neste capítulo será apresentado o memorial descritivo da experiência de produção deste trabalho de conclusão de curso abrangendo todas as etapas, desde a escolha do tema e formato, passando pela produção e pós-produção, até o momento de divulgação final.

A idealização do projeto começou no início de 2023, quando estava pensando qual seria o tema do meu trabalho de conclusão de curso. Fiquei meses tentando encontrar um tema que refletisse a minha personalidade, queria realizar um último trabalho na graduação que eu me identificasse em todos os sentidos, tanto no tema, quanto no formato. Após refletir sobre todas as disciplinas que tive ao longo do curso, percebi que duas específicas me impactaram muito, Laboratório de Jornalismo Digital e Laboratório de Radiojornalismo.

Na disciplina de Laboratório de Jornalismo Digital, cada aluno precisou criar um site sobre um tema de sua escolha, no qual posteriormente seriam feitas três reportagens em estilos diferentes. A primeira focada em recursos multimídia, a segunda em cartões e a terceira seria uma reportagem radiofônica expandida. Assim como no meu TCC, escolhi falar sobre artistas independentes em Juiz de Fora, mas com foco nos fãs de bandas locais e bandas que estavam a mais tempo no cenário musical. Essa experiência na disciplina foi incrível, pois me senti livre para planejar as pautas, o design do site e escolher as fontes dentro de um tema que é importante para mim. Já na disciplina de Laboratório de Radiojornalismo, tive a oportunidade de explorar as características da oralidade, construção de roteiros e narração de programas, além da criação de um podcast. Desde sempre me interessei por tudo que envolve a voz, e com a experiência na disciplina tive a certeza de que me identifico muito com essa vertente do jornalismo. Além disso, o projeto de Treinamento Profissional “Música para Olhos e Ouvidos” também me impulsionou a seguir pelo caminho da música neste trabalho, já que nele tive a chance de produzir materiais sobre o tema, através de um viés acadêmico.

Logo, quando chegou o momento de pensar no meu trabalho de conclusão de curso, pensei em todas as experiências vividas ao longo desses cinco anos e defini o tema e o formato a partir da junção das minhas disciplinas favoritas. A partir disso, decidi que faria uma reportagem radiofônica expandida sobre artistas independentes em Juiz de Fora, o que implicaria na criação de um podcast e de um site de apoio.

A escolha do tema foi feita primordialmente por um gosto pessoal, mas acredito que o jornalismo possui um grande papel social e pautas como essas produzem um impacto cultural na sociedade, além de servir como impulsionador para o trabalho desses artistas. O ambiente acadêmico permite que possamos explorar diversas esferas e a cultura é uma delas, principalmente no curso de Jornalismo.

4.1 MOMENTO DA PRÉ-PRODUÇÃO

A partir do momento que defini o tema para o projeto, comecei a produzir o TCC I, que consistiu em escrever o primeiro capítulo teórico e a introdução do que seria o projeto prático. Inicialmente foram pensadas três pautas para os episódios, sendo elas, “O contexto da produção musical independente”, “O mesmo artista em décadas diferentes” e “As novas vozes da cena independente”, todas elas com foco na cidade de Juiz de Fora.

A primeira pauta foi mantida e se tornou o primeiro episódio do podcast com o nome “A cena independente de Juiz de Fora”. Elaborei um roteiro de perguntas para o entrevistado sobre a cena musical na cidade e escolhi um produtor, que além de músico, conseguiria destrinchar sobre uma visão sistêmica de como funcionam contratações e burocracias nessa área. Fazendo pesquisas na internet, encontrei o Luqui Di Falco que havia realizado dois estudos de maneira autônoma sobre os artistas mais escutados em Juiz de Fora, evidenciando muitos nomes que não são tão conhecidos pelo público geral. A partir desses estudos soube que queria entrevistar ele, porque além de tudo era uma pessoa com experiência em diversas áreas da música. Comentando sobre isso com um amigo, ele me contou que tinha o número do Luqui e me passou para eu tentar o primeiro contato. Mandeí mensagem para ele e recebi a resposta no mesmo dia, ele aceitou participar e marcamos de nos encontrar numa segunda-feira à tarde no Cultural, que é uma casa de shows aqui da cidade.

A ideia inicial da segunda pauta seria focar em artistas que estão há mais tempo no ramo (a partir de 20 anos de carreira), para evidenciar as diferenças vividas por eles durante as décadas, principalmente em relação à internet, na forma de produzir e divulgar músicas e como ocorreu essa adaptação às novas tecnologias. A ideia era criar uma linha de continuidade entre os episódios, já que o último seria focado em novos artistas que já começaram suas carreiras em uma época com uma presença digital muito forte. Porém, tentei contato com três artistas masculinos diferentes e não consegui marcar as entrevistas. O primeiro me respondeu dizendo

que aceitaria participar, mas quando mandei mensagens em vários dias diferentes para poder marcar uma data, não recebi resposta. O segundo também disse que aceitaria participar, mas no dia que havíamos marcado a entrevista, ele não respondeu minhas mensagens de confirmação e achei melhor não remarcar, já que ele não havia aparecido na primeira vez. O terceiro também disse que aceitaria participar, mas nesse momento eu já tinha feito todas as outras entrevistas e já estava no processo da montagem do roteiro, então achei melhor manter o episódio apenas com as duas entrevistas que eu já possuía e resolvi alterar o foco da pauta.

Apesar das adversidades, consegui entrar em contato com a Sandra Portella, que era um nome que eu já conhecia na cidade, mas nunca havia conversado com ela. Mandeí mensagem pelo Instagram e ela me passou seu número de celular para marcarmos a entrevista. Ela foi muito solícita e ofereceu de gravarmos na sua casa numa segunda-feira à tarde. Além dela, entrei em contato com a Alessandra Crispin, que eu também já conhecia pelas redes sociais. Entrei em contato pelo WhatsApp que fica disponível na biografia do seu perfil no Instagram e recebi uma resposta no mesmo dia, ficamos conversando durante a semana tentando achar um horário em comum e finalmente conseguimos. Fui até a casa dela para a entrevista numa terça-feira e conseguimos gravar. No momento das entrevistas, eu ainda estava planejando seguir a pauta original, então as perguntas foram focadas nisso, mas quando decidi que elas seriam as únicas entrevistadas nesse episódio, resolvi focar na vivência delas enquanto mulheres negras no ramo da música independente, trazendo as falas de nossas conversas como um guia para o roteiro que criei posteriormente.

A terceira pauta se manteve com a ideia original, que seria focada na visão dos novos artistas da cidade sobre oportunidades, produção e divulgação dos trabalhos em uma era essencialmente digital. Logo no início já havia pensado em dois nomes, a Marijú e o Igor Silveira, que são pessoas que eu já conhecia e admirava o trabalho. Entrei em contato com ambos pelo WhatsApp e eles aceitaram participar na mesma hora. Marquei a entrevista com a Marijú em um sábado de manhã na minha casa e com o Igor numa sexta-feira à tarde na casa dele. Porém, eu queria mais uma pessoa para esse episódio, então entrei em contato pelo Instagram da banda InOutisde e recebi uma resposta dizendo que elas aceitariam participar e me mandaram o contato da Mariana Campello que seria a entrevistada representando a banda. Consegui marcar com ela para uma sexta-feira à tarde e consegui fechar o episódio da forma como havia idealizado no começo.

Para todas as entrevistas, busquei o material de gravação na Faculdade de Comunicação, que consistiu em um gravador, uma câmera, um tripé, uma luz de LED e baterias extra caso fosse necessário. Simultaneamente às entrevistas, comecei a pensar nas características do site, como design e páginas que seriam criadas. Criei uma paleta de cores que se repetiria em toda a concepção do design e decidi que o menu teria a página inicial, sobre o projeto, a dos episódios, a dos entrevistados, a da playlist e a do contato.

4.2 A PRODUÇÃO

Após decidir quem seriam os entrevistados, marquei as entrevistas e fazer o pré-roteiro, chegou o momento de gravar com cada um deles. A primeira entrevista foi feita com o Luqui Di Falco no dia 24 de junho, às 16 horas no Cultural, e fui acompanhada da Luiza Ratto, estudante do RTVI, que operou a câmera enquanto eu fazia a entrevista; a segunda entrevista foi feita com a Sandra Portella no dia seguinte, 25 de junho, às 15 horas na casa dela, e quem me acompanhou foi a Ana Luiza Tostes, estudante de Jornalismo, que também ficou responsável pela câmera enquanto eu realizava essa entrevista e as próximas; a terceira entrevista foi feita com a Marijú no dia 29 de junho, às 10 horas na minha casa; a quarta foi feita com a Alessandra Crispin no dia 02 de julho, às 15h na casa dela; a quinta entrevista foi feita com a Mariana Campello no dia 05 de julho, às 14:30 na casa dela; e a última foi feita com o Igor Silveira no mesmo dia da Mariana, às 16h na casa dele.

Durante as entrevistas não houve grandes problemas e consegui realizar todas as perguntas que planejei no pré-roteiro para os artistas. Além do áudio, captei o vídeo que está disponível na íntegra no site do projeto como material de apoio. Após todo o material coletado, comecei o processo de decupagem dos áudios, por meio de um site grátis² que permite o *upload* de três áudios por dia e transcreve as falas de maneira automática com a minutagem de cada uma. Criei um documento para facilitar o processo e passei todas as entrevistas decupadas e com a minutagem certa para ele. Depois disso foi o momento de escrever os roteiros e decidir quais perguntas entrariam nele, já que seria inviável colocar todas as perguntas e respostas dos entrevistados em cada episódio. Em cada episódio, realizei pesquisas relacionadas ao tema para embasar as falas iniciais e selecionei as perguntas que se encaixavam melhor com a proposta e fluidez de cada um. Consegui terminar os três roteiros em três dias e depois me programei para

² Disponível em: <<https://turboscribe.ai/pt/>>. Acesso em agosto de 2024.

gravar as narrações. Escolhi um dia, fui buscar o gravador na faculdade e trouxe para casa, onde fiz as narrações dentro de um armário para abafar os sons externos e conseguir captar o áudio de forma limpa.

Em paralelo, comecei a criar o site e definir as tipografias, colocando em prática a paleta de cores que eu havia definido anteriormente e mexendo nas funções da plataforma Wix. A escolha da cor vermelha como principal foi pensada por ser uma cor quente, que transmite um sentimento de intensidade, assim como quando penso em música, e as outras cores da paleta foram pensadas para complementar de forma harmônica os outros detalhes do site. As tipografias escolhidas não possuem serifa e tem as bordas mais arredondadas, o que transmite a modernidade e conversa com o público alvo (pessoas mais jovens). Como eu já havia utilizado o site na disciplina de Laboratório de Jornalismo Digital, eu conhecia a maioria das funções. Comecei criando a página inicial dando destaque ao nome do podcast e com um botão que leva direto aos episódios disponíveis.

Figura 6 - Imagem da página inicial



Fonte: <https://www.avozindependente.com/>

Depois criei a página dos entrevistados, onde cada um tem uma subpágina específica com informações sobre eles, o vídeo completo das entrevistas, informações adicionais que foram mencionadas nas entrevistas e as redes sociais de cada um.

Figura 7 - Página dos entrevistados



Fonte: <https://www.avozindependente.com/entrevistados>

Figura 8 - Subpágina dos entrevistados



Fonte: <https://www.avozindependente.com/mariju>

Após essa etapa, criei uma seção âncora na página inicial que fala sobre mim e o projeto, explicando de onde ele surgiu e o porquê de eu ter escolhido fazê-lo.

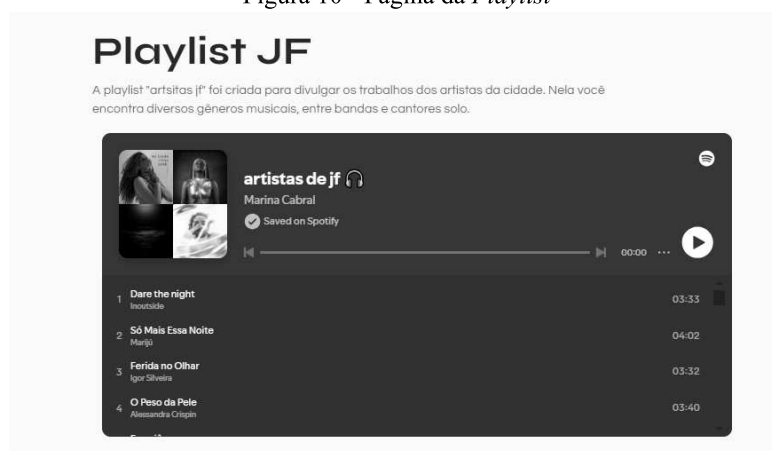
Figura 9 - Seção sobre o projeto



Fonte: <https://www.avozindependente.com/>

No fim, criei uma página para a playlist que contém várias músicas dos artistas entrevistados e de outros artistas juizforanos, para que as pessoas conheçam o que é produzido na cidade, afinal, um dos objetivos principais do trabalho é divulgar os artistas locais. Além disso, criei um formulário interativo, para que as pessoas respondam três perguntas: “Você já conhecia algum desses artistas locais?”, “Conhece algum outro artista que deveria entrar na playlist?” e “Qual o seu artista local preferido?”.

Figura 10 - Página da *Playlist*



Fonte: <https://www.avozindependente.com/playlist>

Figura 11 - Seção do formulário interativo

VOCÊ JÁ CONHECIA
ALGUM DESSES
ARTISTAS LOCAIS?

☐ SIM!

☐ AINDA NÃO

☐ NÃO, MAS GOSTEI
DE CONHECER

CONHECE ALGUM OUTRO ARTISTA QUE DEVERIA
ENTRAR NA PLAYLIST?

QUAL O SEU ARTISTA LOCAL PREFERIDO?

EMAIL *

Enviar

Fonte: <https://www.avozindependente.com/playlist>

No geral, o site possui elementos multimídia diversos que se encaixam dentro do conceito de reportagem radiofônica expandida (VIANA, 2018), como as imagens, os vídeos e os botões de interação com o internauta. Nesse sentido, todos os elementos colocados no site possuem a função de enriquecer a experiência do ouvinte para além do áudio, trazendo uma reportagem multilinear que pode ser explorada de acordo com o interesse do receptor.

4.3 EDIÇÃO FINAL

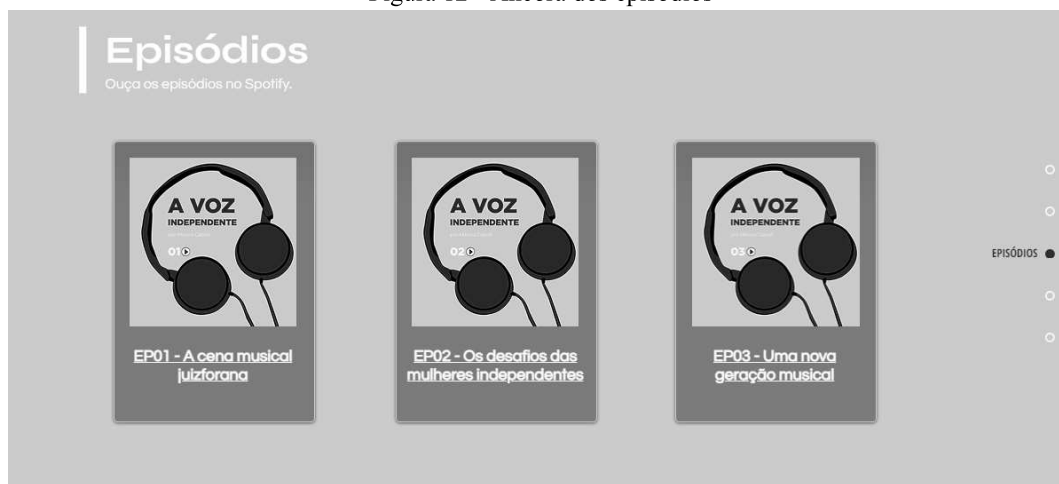
Após a gravação de todo o material sonoro, comecei o processo de edição do podcast. A organização dos áudios por episódios e o roteiro previamente elaborado serviram como guia nesse processo. O aplicativo utilizado para a edição foi o Reaper e optei por ele, pois já havia utilizado-o em outros trabalhos na faculdade, então possuía familiaridade com suas funções.

A edição foi feita de forma cronológica, ou seja, comecei editando o primeiro, depois o segundo e por último o terceiro. O passo inicial foi escolher uma música para a vinheta do podcast, eu queria algo animado, mas que não fosse uma batida tão genérica, acabei escolhendo entre as opções no banco de áudio grátis uma música que conseguiu captar melhor o que eu havia pensado, com uma batida pop rock e que foi utilizada em todos os episódios. Além da vinheta, alguns outros elementos sonoros foram adicionados no podcast para complementar a

ambientação e as falas quando necessário. Além disso, foram utilizadas músicas dos entrevistados como forma de transição entre algumas falas para explicitar o trabalho dos artistas. O processo de edição demorou em média uma semana para ser finalizado e após isso os episódios foram enviados para a orientadora com o intuito de realizar as alterações que fossem necessárias. Ademais, era necessário colocar os episódios no ar e para isso utilizei a plataforma *Spotify for Podcasters*, que me permitiu fazer o *download* dos três episódios que ficaram disponíveis para os ouvintes na plataforma do *Spotify*.

Concomitantemente, continuei trabalhando nas últimas demandas do site. A sua configuração foi pensada de forma estratégica para que todos os materiais hipermídia tivessem destaque. A página inicial possui logo na frente um banner com o nome do site e um botão que leva o internauta para a âncora dos episódios, que contém de forma organizada o *player* de cada episódio já conectado com o *Spotify* e depois leva às subpáginas com o *link* para cada um. A criação da capa foi pensada a partir da identidade visual estabelecida no site e procurei fazer um design que fosse de fácil entendimento e dialogasse com o conteúdo do podcast, por isso optei pela representação do *headphone*, que remete à escutar música, com o nome em destaque.

Figura 12 - Âncora dos episódios



Fonte: <https://www.avozindependente.com/>

Figura 13 - Subpágina dos episódios



Fonte: <https://www.avozindependente.com/episodio1>

Figura 14 - Capa do podcast



Fonte: Elaboração própria.

A plataforma Wix garante a criação de um site grátis, mas possui planos para assinantes que garantem algumas vantagens, como a escolha de um domínio personalizado. Diante disso, resolvi assinar um plano anual para garantir o domínio avozindependente.com, pois seria mais

fácil de encontrar no google e mais prático de pronunciar no podcast, considerando que o domínio gratuito consiste no email conectado ao site. Além disso, os últimos ajustes foram feitos na personalização das páginas dos entrevistados, em que escolhi colocar um trecho da fala de cada um para apresentar suas relações com a música, o que possibilitou enfatizar a oralidade no texto do site. Ademais, decidi disponibilizar as entrevistas com cada artista na íntegra através da gravação de vídeo que foi feita em conjunto com a de áudio. Para isso, foi necessário publicar os vídeos no YouTube e vincular ao site do Wix, que já possui uma funcionalidade própria para isso. Além de todas essas demandas, dediquei um tempo para a escrita deste memorial para relatar todas as etapas do projeto prático.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de criar um projeto prático experimental trouxe desafios em diversos momentos, já que precisei desenvolver três frentes de trabalho simultaneamente, sendo elas a elaboração dos episódios (dividida nos momentos de pré-produção, produção e edição), a criação do site e a escrita do memorial. Apesar disso, consegui me organizar de forma satisfatória para desenvolver cada etapa. A possibilidade de explorar diversos conhecimentos aprendidos durante o curso foi um dos maiores fatores que me motivaram a escolher esse formato de trabalho, que permite uma criação multimídia.

Sempre me disseram que devemos escolher um tema dentro de áreas que gostamos para que a realização do trabalho seja mais prazerosa e após finalizar esse projeto posso dizer que concordo totalmente com isso. A música sempre foi uma das partes mais importantes da minha vida, e poder entrevistar pessoas que trabalham com isso e compartilham desse sentimento pelo tema foi uma experiência enriquecedora, tanto no âmbito do jornalismo, quanto no âmbito pessoal. Apesar da motivação primordial ter sido um gosto pessoal, acredito que a música possui um papel fundamental no cotidiano das pessoas, além de ter um impacto cultural muito grande na formação identitária de cidades e grupos de pessoas.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, pude experimentar diversas práticas jornalísticas, como o contato direto com as fontes e a marcação de entrevistas, que vieram com rejeições e divergências de agenda, mas que me possibilitaram desenvolver o “jogo de cintura” para poder contornar os empecilhos e desenvolver mais maturidade na profissão. Apesar de ter feito quase tudo sozinha, o auxílio da minha orientadora foi fundamental em todas as etapas do trabalho.

Acredito que a reportagem radiofônica expandida, conceitualmente proposta por Viana (2018), é uma tendência crescente na atualidade, considerando que possibilita uma construção multimídia que engrandece a experiência dos usuários com materiais complementares que agregam valor à narrativa.

Concluo este trabalho enfatizando a importância social do tema escolhido, além da relevância da criação de produtos multimídia dentro do Jornalismo contemporâneo. O resultado do projeto marca uma etapa importante na minha formação acadêmica e pessoal, dando início a uma jornada profissional, sempre com muita música.

REFERÊNCIAS

AIEX, Tony. **Tenho Mais Discos que Amigos**, 2009. Disponível em: <<https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/>> Acesso em: 09 jan. 2024.

ALBERTO, Fellype. **Maior parte da população de Juiz de Fora tem entre 40 e 44 anos, revela Censo 2022**. G1. Juiz de Fora, 22 out. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2023/10/27/maior-parte-da-populacao-de-juiz-de-fora-tem-entre-40-e-44-anos-revela-censo-2022.ghtml>> Acesso em: 09 set. 2024.

ALEXANDRE, Ricardo. **Podcast Discoteca Básica**, 2020. Disponível em: <<https://podcastdiscotecabasica.com/>> Acesso em: 09 jan. 2024.

ARRUDA, Thabata. **A presença feminina nos festivais brasileiros de 2016 a 2018**. Medium. 05. jul. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/zumbido/a-presen%C3%A7a-feminina-nos-festivais-brasileiros-de-2016-a-2018-23b64f2a374>> Acesso em: 09 set. 2024.

ARRUDA, Thabata. **Mulheres no palco: diversidade de gênero e raça nos festivais brasileiros de 2016 a 2023**. Medium. 08. mar. 2024. Disponível em: <https://discuba.substack.com/p/mulheres-nos-palcos-diversidade-de?utm_source=substack&utm_medium=email> Acesso em: 09 set. 2024.

Artistas independentes são 53% nas paradas de sucesso do streaming, revela pesquisa da ABMI. Associação Brasileira de Música Independente. 18 out. 2020. Disponível em: <<https://abmi.com.br/artistas-independentes-sao-53-nas-paradas-de-sucesso-do-streaming-revela-pesquisa-da-abmi/#:~:text=Rede%20de%20Servi%C3%A7os-,Artistas%20independentes%20s%C3%A3o%2053%25%20nas%20paradas%20de%20sucesso,streaming%2C%20revela%20pesquisa%20da%20ABMI&text=DESTAQUES%3A,vem%20de%20fora%20do%20Brasil>> Acesso em: 09 jan. 2024.

BDMG Cultural. **Mulheres na Música | A nova (ou velha) luta das mulheres na música**. YouTube, 08 mar. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ag41EDPEPE8>> Acesso em: 07 set. 2024.

CAMPOS, Pablo Tupinambá. **“Novos Modelos de Negócio Na Indústria Fonográfica: Um Estudo Exploratório Sobre as Gravadoras No Brasil.”** Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://musicbusinessresearch.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/03/ma-thesis-pablo-tupinamba-pt-version.pdf>> Acesso em: 09 jan. 2024.

CÔRTEZ, Mauro Rocha et al. **“A Cauda Longa E a Mudança Do Modelo de Negócio No Mercado Fonográfico: Reflexões Acerca Do Impacto Das Novas Tecnologias.”** In XXVIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção, Salvador: Associação Brasileira de Engenharia de Produção, 2008. Disponível em:

<https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2008_TN_STP_069_490_11917.pdf> Acesso em: 09 jan. 2024.

COSSIO, María Laura T et al. **Music in the Digital Age: Musicians and Fans Around the World ‘Come Together’ on the Net.** Global Media Journal, 2010. Disponível em: <<https://www.globalmediajournal.com/open-access/music-in-the-digital-age-musicians-and-fans-around-the-world-come-together-on-the-net.php?aid=35258>> Acesso em: 09 jan. 2024.

FACCHI, Cleber et al. **Vamos Falar Sobre Música**, 2018. Disponível em: <<https://vamosfalarsobremusica.com.br/>> Acesso em: 09 jan. 2024.

FRERE-JONES, Sasha. **1+1+1=1.** New Yorker Magazine. 02 jan. 2005. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2005/01/10/1-1-1-1>> Acesso em: 09 jan. 2024.

GRUTTER, Felipe. **Quantos artistas e gravadoras independentes geraram no Spotify em 2023?**. Rolling Stone. 28 fev. 2024. Disponível em: <<https://rollingstone.com.br/noticia/quanto-artistas-e-gravadoras-independentes-geraram-no-spotify-em-2023/>> Acesso em: 03 set. 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação.** 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p. 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Cláudia Figueiredo. **“Interações e mediações, instâncias de apreensão da comunicação radiofônica”.** Questões Transversais: Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 2, p. 12-20, 2014.

LOPES, Leo. **Rádiofobia Podcast Network**, 2009. Disponível em: <<https://radiofobia.com.br/podcast/>> Acesso em: 09 jan. 2024.

MULLIGAN, Mark. **Music subscriber market shares Q2 2021.** Media Research. 18 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.google.com/url?q=https://www.midiaresearch.com/blog/music-subscriber-market-shares-q2-2021&sa=D&source=docs&ust=1727123603319401&usg=AOvVaw0s3FOrB0azAbZcuKhcAjRK>> Acesso em: 09 jan. 2024.

NIELSEN SOUNDSCAN. **Nielsen entertainment & Billboards’s 2014 mid-year music industry report.** 2014. Disponível em: <<https://www.nielsen.com/news-center/2014/nielsen-entertainment-billboards-2014-mid-year-music-industry-report/>> Acesso em: 09 jan. 2024.

OLIVEIRA, Marcio Pizzi de. **As transformações do mercado musical e as plataformas de crowdfunding e licenciamento musical.** Revista Sonora, Campinas, v. 6, n. 12, p. 1-16, 2017. Disponível em: <https://www.iar.unicamp.br/wp-content/uploads/2021/07/V06_ED12_A07_TranfMercMusical.pdf> Acesso em: 06 jan. 2024.

PASSOS, Lorena Silva. **Novo fluxo da música digital**: Como as plataformas de streaming redefiniram o consumo musical. In: Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na região Norte. Manaus: Intercom. 2015. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-2636-1.pdf>> Acesso em: 06 jan. 2024.

REMÍGIO, Isabela O. et al. **Música Independente e o consumo do Mercado Fonográfico local dentro da cidade de João Pessoa**. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Fortaleza. UFPB, 2017. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0583-1.pdf>> Acesso em: 06 jan. 2024.

SÁ, Simone P. **Se você gosta de Madonna também vai gostar de Britney! Ou não?! Gêneros, gosto e disputas simbólicas nos sistemas de recomendação musical**. 2009. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/395>> Acesso em: 09 jan. 2024

VIANA, Luana. **Reportagens radiofônicas expandidas**: a construção de um conceito. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/754/600>> Acesso em 06 jan. 2024.

VIANA, Lucina Reitenbach. **Indústria Cultural, Indústria Fonográfica, Tecnologia e Cibercultura**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0582-1.pdf>> Acesso em: 06 jan. 2024.

VICENTE, Eduardo. **A música independente no Brasil**: uma reflexão. Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/49335008949277938986592713214137599956.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2024.

APÊNDICE A - Roteiro do episódio “A cena musical juizforana”

TÉC	VINHETA DE ABERTURA
TÉC	MÚSICA CONTINUA BAIXA
ANC	Você sabe o que é ser um artista independente?
TÉC	SONORA LUQUI (2:44) “A música independente é caracterizada especialmente pela liberdade, pela construção de discursos livres em qualquer uma das esferas, e quando a gente fala de música e arte, eu acho que a gente fala de tantas esferas, da capa do disco, as letras, as linhas de voz, a energia por trás da métrica, o número de palavras.” // (3:19) “Quando você é artista independente, você não precisa se preocupar com o resultado comercial final. Às vezes, para muitos, somente o resultado da arte enquanto a arte basta.”
ANC	Eu sou Marina Cabral e este é o primeiro episódio de “A voz independente”, um podcast sobre a cena musical independente de Juiz de Fora.
TÉC	ABAIXA VINHETA
ANC	Para quem não conhece, Juiz de Fora é uma cidade de Minas Gerais que possui uma cena cultural muito plural. Muitos artistas conhecidos nacionalmente saíram daqui, como por exemplo, Ana Carolina, a banda Strike e Onze:20. // Porém, a maioria dos cantores e instrumentistas da cidade são independentes, ou seja, não possuem uma grande gravadora ou empresários para lançar e distribuir suas músicas.
TÉC	BG FITA ROLANDO

ANC	Quando falamos de artistas independentes, podemos pensar num contexto histórico brasileiro que mostra alguns momentos cruciais para essa cultura indie. (BG a partir daqui)// Até a década de 1960 as gravadoras possuíam um monopólio em relação aos estúdios de gravação, em uma época em que os fonogramas e toca-discos eram os meios utilizados para o consumo de música.// Já nas décadas de 1980 e 1990, a difusão de tecnologias com preços mais baixos aumentou o acesso aos estúdios, elevando as oportunidades de trabalho para artistas com menor orçamento e que não possuíam vínculos com gravadoras. Além disso, esse cenário possibilitou também o surgimento das primeiras gravadoras independentes.
TÉC	BG BEEP
ANC	A chegada da banda larga também foi um fator que revolucionou a forma de consumir e distribuir música.// A internet trouxe uma nova possibilidade para os artistas independentes, que conseguiram gravar suas próprias músicas e atingir um público maior através das redes sociais e plataformas de streaming.
TÉC	BG INTERNET CONECTANDO
ANC	Hoje em dia, com o acesso à internet na palma da mão pelos smartphones, conseguimos ver a influência que essas plataformas têm na vida desses artistas.// Segundo dados compartilhados pelo Spotify em 2023, os artistas e gravadoras independentes geraram quase 4,5 bilhões de dólares para a plataforma, o que representa a metade do

	valor total gerado pela indústria de 9 bilhões. Com essa mudança, os artistas possuem mais autonomia e alcance de seus trabalhos, diferente do que acontecia em décadas passadas, quando o acesso à música era muitas vezes limitado à CDs e discos; e a divulgação era feita mais pelo método "boca a boca", pelos rádios, cartazes e jornais impressos. Para falar mais sobre essa realidade dos artistas independentes, vamos ouvir o Luqui de Falco, músico e produtor que atua há mais de 20 anos no ramo da música aqui em Juiz de Fora.
ANC	A entrevista com o Luqui foi feita no Cultural, uma casa de shows aqui da cidade que ele é sócio. Nos encontramos numa tarde de segunda-feira e gravamos dentro do espaço onde acontecem as festas. Foi a primeira vez que estive lá enquanto a luz do sol ainda estava batendo, esperamos alguns minutos até ele chegar, já que estava em uma reunião antes. Quando nos viu ofereceu garrafas de água de uma das geladeiras em que costumamos comprar bebidas durante os eventos que acontecem de noite. O pôr do sol ali de cima foi um espetáculo à parte, saímos bem na hora que ele estava se pondo, deixando o céu com um tom alaranjado. Quem participou junto comigo foi a Luisa Ratto, que ficou operando a câmera enquanto eu entrevistava o Luqui.
TÉC	SONORA LUQUI (1:03) "Eu sou músico, sou empresário do ramo musical. Eu falo que eu sou um entusiasta também. Para se dedicar a isso, tem que ser, né? Eu sou artista

	também. Eu sou estudioso. Sou filantropo também, dentro do meio. Então, eu acho que eu estou inserido e imerso até a cabeça no mundo da música." // (2:10) "Eu comecei muito novo, mas eu já estou há mais de 20 anos nesse mercado. Eu comecei como músico com 12 anos e comecei como produtor de eventos com 14."
ANC	O Luqui foi escolhido como entrevistado por causa da sua experiência com a cena independente, tanto como músico, quanto produtor que está sempre imerso na realidade de outros artistas. O que melhor do que alguém que tem a visão de ambos os lados da cena para falar sobre o assunto?// Ele explicou um pouco sobre como ele vê a cena local atualmente e os potenciais de crescimento pra quem tá no ramo.
TEC	SONORA LUQUI (5:05) "Eu vejo muito potencial na cidade. Eu vejo que a gente tem uma amostragem de artistas muito grande, maior que as outras cidades desse mesmo porte por aí no Brasil. Quando eu fazia meus trabalhos com o Onze e 20, lá atrás, de produção, eu costumava brincar enquanto eu viajava o Brasil inteiro, assim, nossa, nenhuma cidade de interior é igual Juiz de Fora." // (5:44) "Então, assim, eu vejo a cena alternativa e a cena independente aqui gigantesca, crescendo. Vamos para os próximos níveis agora."
ANC	Enquanto eu pesquisava fontes para entrevistar, encontrei um estudo feito de forma autônoma pelo Luqui em 2020 que mapeou a atuação da música de Juiz de Fora no meio digital, chamado JF Digital Top Charts, vamos entender um pouco sobre o que ele traz nesse artigo.

TÉC	SONORA LUQUI (6:23) “Minha maior motivação para criar esse estudo é que primeiro eu queria protestar um pouco contra o poder público daqui da região, que eu acho que a gente não tem estudos que conseguem demonstrar a relevância de fato do que a gente constrói aqui. Eu acho que isso distancia o público desse resultado. A gente... Nos meus estudos, até, eu sempre fiz muitos acompanhamentos dessas questões métricas por causa do Onze e 20, que eu acho que a gente tinha que fazer isso, era o dever de casa básico para conseguir uma distribuição maior, mas eu aprendi a potência que era isso.”
TÉC	SONORA LUQUI (7:00) “E eu comecei a ver assim, nossa, mas lá em Juiz de Fora tem tanta gente, ninguém fala disso. Nossa, mas tem um menino que tem milhões de plays e ninguém fala disso.” // “Minha maior motivação para fazer primeiro a pesquisa foi, pô, eu acho que a gente tem que tentar evidenciar isso um pouco mais para esfregar na cara da população, por que o seu play só vai para a Anitta? O seu play pode ir para o artista daqui também. O artista daqui pode ter a vida dele mudada, de fato, e a Anitta, às vezes, não vai mudar tanto. Para tentar criar essa consciência coletiva. Na época, eu brincava muito com os meus amigos de banda, os meninos que estavam comigo que diziam assim, olha só, estava começando a pandemia. A cidade sofre a febre dos fones de ouvido. Todo mundo anda de fone de ouvido e ninguém ouve a música daqui. Então, assim, esse foi o meu maior motivador inicial, porque eu tenho a sensação que se os poderes da cidade, de fato, eles fizessem essas pesquisas, a Câmara

	aprovasse um caminho para tal, a gente não precisaria estar falando isso. Seria uma demonstração pública no diário da cidade, dando um prêmio para todo mundo que está mandando bem, o Dub Dogs enchendo a Rio Branco lá, e a gente se distanciando disso.”
TÉC	SONORA LUQUI (8:54) “Eu fiz dois estudos desses, eu fiz um estudo desse em 2020, que eu listei o top, se não me engano, o top 3 de cada nicho de artista, dos 10 artistas mais ouvidos aqui. Mas eu fiz uma segunda em 2021, no meio da pandemia, que ficou mágica, que eu vou te mandar para você ver depois, que eu acho que você não deve ter tido acesso, mas que nesse eu listei o top 100 artistas de Juiz de Fora para se ouvir durante a pandemia. Nesse estudo, eu já identifiquei que tinham mais de 400 artistas lançando música em Juiz de Fora, independentes, alternativas, porque eu cataloguei os 100 primeiros.”
TÉC	TRANSIÇÃO COM UMA MÚSICA DELE
ANC	Se você quiser acessar os estudos feitos por Luqui, é só entrar no site avozindependente.com. Ele também explicou que apesar da grande quantidade de artistas na cidade, ainda é um desafio pra ele, como produtor, a baixa incidência de eventos. Ele diz que ainda falta um senso de coordenação entre os artistas para que os shows aconteçam com maior frequência e atinjam o maior número de pessoas.// Luqui também fala sobre quais as principais formas para os artistas independentes adquirirem um público maior na geração da internet.
TÉC	SONORA LUQUI (11:16) “Eu acho que tem que ser autêntico,

	né? Eu acho que a grande questão é aprender a ser autêntico. Eu acho que a gente está chegando numa época que não importa mais ser o melhor guitarrista, ser o melhor cantor, você tem que conseguir ser você. E eu acho que a gente ainda não conseguiu enfrentar isso aqui. A gente trouxe o maravilhoso Diogo Defante aqui recentemente. Nossa, que coisa maravilhosa que é! É autenticidade pura. - INSERIR TRECHO DO SHOW DELE NO CULTURAL - Você vê que as pessoas vêm para aquilo. Não vêm mais para ver um grande cantor. Isso também faz parte, claro, não excluindo, mas acho que é o momento de encontrar isso aqui, encontrar uma identidade musical somada a um personagem que faça sentido. E acho que a gente está começando a fazer isso."// (11:57) "Até artistas mais antigos estão começando a entender isso, usar mais as redes sociais, como porta-vozes de forma correta e tal. Enfim, eu acho que o grande caminho está aqui. Todo mundo tem um pouquinho mais blogueira, porque a música todo mundo já faz."
ANC	Luqui mencionou que as principais mudanças que ele observa na cena numa comparação de 15 anos atrás até os dias atuais estão justamente na evolução da internet e suas tecnologias. Ele diz que as principais mídias eram feitas através de panfletos e no rádio; as rotas para chegar até as casas noturnas eram mais difíceis, já que na época não existia aplicativos de carro sempre à disposição, então era necessário utilizar vans e táxis com horários pré definidos; as pessoas precisavam pagar as bebidas em fichas, diferente de hoje que todo o crédito é colocado no cartão feito na própria casa de

	show. Além disso, ele menciona a diversidade de gêneros musicais que abrangem hoje em dia, o que não acontecia antigamente, já que o cultural era mais voltado para o rock.
TÉC	SONORA LUQUI (15:10) "A gente teve que acompanhar a mudança de princípios enquanto ter um norte para o que a gente quer atingir enquanto marca, conseguir manter o branding da ideia, se manter conectado ao nosso DNA, mas tentar trazer as novas tribos aqui para dentro. O cultural, 10 anos atrás, era só uma casa mexada em rock, em reggae, mas o jovem não é assim mais. O jovem não tem mais essa sensação de posse dentro de um estilo musical igual. Alguns ainda tem, o roqueiro especialmente, mas até o próprio roqueiro. Vem aqui no karaokê cheio de roqueiro e toca Evidências e eles ficam malucos. Então, assim, eu acho que mudou muito. A vida virou uma playlist. Basicamente, hoje é 100% diferente."
ANC	Essas diferenças marcam a transição de uma geração que dependia muito de meios físicos para criar e divulgar músicas e eventos, para uma que depende quase em todos os aspectos dos meios digitais. // Perguntei pra ele qual conselho daria para pessoas que pensam em entrar nesse ramo musical, mas ainda tem receios de por onde começar.
TÉC	SONORA LUQUI (15:59) "Pega e faz. Acho que a gente tem adiante os melhores indicadores no mercado da música de todos os tempos. A gente, no começo dos anos 2000, a música teve um pico de faturamento em vendas de discos. Depois disso, a gente viveu 15 anos consecutivos de perda

	de receita, prejuízos e um espiral exatamente que a gente não entendia ainda que a gente estava vivendo uma mudança de formato. E aí eu estou falando que existem previsões que nos próximos 10 anos o PIB mundial vai ter 2,5% representado como música, como streaming Isso é muito. Isso é mais que o cinema. Isso é mais que muitas outras coisas.”
TÉC	SONORA LUQUI (16:50) “E acho que no final, a grande lição é que se a gente tem os melhores números adiante para chegar em distribuição, afinal hoje até um robozinho que limpa, toca a música. Se a gente tem as casas com mais facilidade de giro, com maior amostragem de artistas, quem começar hoje está começando no menor momento ainda. Ainda vai começar prestes, viver o melhor momento. Então começar hoje ainda está em tempo de começar bem. Independente da idade, independente da cor, do tipo físico, da questão sexual, começar hoje é tempo de começo, de oportunidade.” // (17:30) “tem muita coisa adiante. Sejam bem-vindos ao Mercado da Música.”
ANC	Se você tem interesse em conferir a entrevista com o Luqui na íntegra, é só acessar o site: avozindependente.com .
TÉC	VINHETA
ANC	No próximo episódio vamos ouvir sobre a trajetória de Sandra Portella e Alessandra Crispin como mulheres negras na música independente.
ANC	Eu sou Marina Cabral, e este programa é parte do meu

	trabalho de conclusão do curso de Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora, orientado pela professora Janaina Nunes. O episódio contou com a participação de Luqui de Falco. Assistência de câmera por Luisa Ratto. A produção, edição e locução foram feitas por mim. Você pode ver mais informações sobre o projeto pelo site avozindependente.com .
--	--

APÊNDICE B - Roteiro do episódio “Os desafios das mulheres independentes”.

TÉC	VINHETA DE ABERTURA
TÉC	MÚSICA CONTINUA BAIXA
ANC	Como é ser uma mulher no ramo da música independente?
TÉC	SONORA SANDRA (1:52) “Comecei a trabalhar, primeiro como cantora de barzinho, de rua, trabalhei na rua 24 horas como cantora, depois fui parar numa banda de forró, né, cantei música country, jazz, bossa nova, banda de baile, onde eu fiquei 8 anos com uma banda de baile, e atualmente tô só no samba.”
TÉC	SONORA ALE (0:55) “Estou jogando em várias vertentes que a música me proporcionou, que a arte me proporcionou ao longo desses quase 20 anos de trabalho, né?” // “eu estou muito feliz que eu continuei a minha trajetória na parte autoral, que é uma coisa que eu gosto muito. Continuo com o meu projeto solo e nele eu posso brincar nas vertentes, tanto do autoral, quanto na interpretação de músicas que eu gosto.”

ANC	Eu sou Marina Cabral e este é o segundo episódio de "A voz independente", um podcast sobre a cena musical independente de Juiz de Fora.
TÉC	SOBE BG
ANC	As mulheres estão cada vez mais ocupando espaços que antes eram dominados por figuras masculinas. Na indústria da música não é diferente. Apesar de parecer que existe uma igualdade de gênero no ramo, os números indicam uma realidade ainda distante disso.
TÉC	BG
ANC	Atualmente, existe um grande destaque de mulheres intérpretes, ou seja, mulheres que cantam, no cenário nacional e mesmo assim elas ainda não possuem o mesmo protagonismo que os homens. // A pesquisadora de música e criadora do portal "Ouça Música Independente", Thabatha Arruda, realiza estudos sobre a participação de mulheres em festivais nacionais de porte médio e mostra pelos números que ainda não alcançamos o cenário ideal de destaque de artistas femininas. // As análises foram feitas de 2016 até 2023. Na primeira pesquisa, o percentual de mulheres nos line-ups foi de 13,3%, já na última, realizada em 2023, o número cresceu para 34,6%. Esses números abrangem tanto bandas com participação feminina, quanto cantoras solo. // Apesar do crescimento exponencial, fica visível a disparidade entre homens e mulheres nesses espaços. // Além disso, a repetição de artistas nessas análises de festivais também é um fator que pesa no aumento desses números.

TÉC	SONORA THABATHA (youtube): (9:22) - (10:11) // (14:15) - (14:40)
ANC	Esses dados foram levantados considerando apenas a questão de gênero, mas Thabatha também menciona o recorte racial, que traz números menores ainda no cenário desses festivais.
TÉC	SONORA THABATHA (youtube): (10:17) - (10:48).
ANC	Essa amostragem foi feita com festivais de várias regiões do Brasil. Mas e em Juiz de Fora? Como será a realidade das nossas artistas independentes? // Pra responder essa pergunta, vamos ouvir sobre as experiências da Sandra Portella, cantora de samba que já trabalha com música a 25 anos. E a Alessandra Crispin, que já está a quase 20 anos nessa jornada musical. // BG SOM AMBIENTE: Para conversar com a Sandra fui até a casa dela no bairro Esplanada numa terça-feira à tarde. Ela me recebeu, junto com a minha assistente de câmera, Ana Luisa Tostes, na sala de sua casa com os seus gatos que adoraram prestar atenção na nossa conversa. Já a conversa com a Alessandra foi feita na segunda-feira da semana seguinte, também na sala de sua casa no centro de Juiz de Fora. Quem me acompanhou também foi a Ana Luisa e conversamos por cerca de 40 minutos com a artista.
TÉC	TRECHO DE UMA MÚSICA DELA
ANC	Ambas construíram uma carreira na cidade e viveram as

	mudanças no cenário musical em duas décadas diferentes. // A Sandra conta sobre como estão as oportunidades do mercado para artistas independentes atualmente, em contraponto com a década passada.
TÉC	SONORA SANDRA (3:47) "Já foi melhor, eu acho que já foi melhor, eu acho que havia, por exemplo, a gente trabalha com música 24 anos, como eu vou fazer 25 anos, a gente espera ter uma prioridadezinha maior, já que a gente tem talento reconhecido, não só na cidade, como em todo o Brasil, que eu inclusive fui indicada ao Prêmio da Música Brasileira, então assim, eu acho que a gente deveria ter uma prioridadezinha no sentido de que ela precisa trabalhar. E como assim, eu tenho uma história feita no mercado, mas que ainda não me deu um reconhecimento satisfatório financeiro, então eu ainda preciso correr atrás de trabalho." // (4:24) "Então houve algumas mudanças, cada prefeitura que passa, cada governo, tem um jeito de trabalhar, e ultimamente todo mundo tem trabalhado muito com projeto, então só consegue trabalhar quem tem projeto. Fora isso, a gente só consegue trabalhar na cidade, o barzinho vindo atrás da gente, ou a gente indo atrás dos espaços, ou o barzinho ou qualquer outro espaço. Antes a gente tinha essa comodidade das pessoas reconhecerem o valor, então eu falo, vamos encaixar ela aqui, porque essa aqui, não só eu, mas vários artistas. Então a gente tem que se adequar a isso tudo, arrumar alguém que faça, porque a gente não sabe fazer projetos, ou paga alguém, ou arruma alguém parceiro para fazer, para a gente continuar seguindo o trabalho. Então dificultou um pouco mais

	atualmente, antes era um pouco mais fácil.”
ANC	A Alessandra complementa também sobre as dificuldades citadas por Thabatha em suas análises, que são as questões de gênero e raça, que dificultam ainda mais o trabalho das mulheres na música.
TÉC	SONORA ALESSANDRA: (11:07) “A cena musical, eu acho que até, olhando pro Brasil de fora, de certa forma, ainda é um local muito machista, ainda é um local, querendo ou não, é organizado muito pela mão do homem branco ainda, não é porque é um nicho específico que não vai, querendo ou não, espelhar tudo que a nossa sociedade vive, sabe? Então, aí agora parte pra mim, a minha figura enquanto artista, né? Sou uma mulher periférica, lésbica, negra. Então, assim, eu acho que, a partir disso, da gente colocar esse contraponto, a gente sabe todas as dificuldades, né?” (11:56) “É muito racismo, é muito machismo que a gente passa todos os dias, é muito homofobia, assim, querendo ou não, eu sou uma pessoa que eu vejo claro o tempo todo sobre a minha criatividade, sobre a minha verdade, sobre a minha essência, sobre o meu lugar no mundo e os meus direitos e tudo mais. Então, aos poucos, a gente vai olhando, sabendo os olhares, a gente vai recebendo, inclusive, falas e a gente sabe que, querendo ou não, e tanto que a gente precisa aprender ainda enquanto essa idade, crescer enquanto essa idade e, infelizmente, na música, né?”
ANC	A Alessandra também se inspira em suas vivências para protestar sobre pautas sociais e políticas na criação de suas músicas, principalmente do seu último álbum “O peso

	da pele” lançado em 2023. Ela conta sobre como vê a importância da arte como um espaço crítico e de representatividade na sua vida.
TÉC	SONORA ALESSANDRA: (24:18) “Eu acho que é muita herança mesmo, assim, sabe? Eu tenho uma sobrinha de... Tenho três sobrinhos, né? Dez, seis e dois anos, sabe? E eu quero que daqui a um tempo, a partir do momento que eles tenham acesso a essas músicas, comecem a entender, sabe? Comecem a se enxergar também no mundo, assim, sabe? Eu tenho a arte, eu tenho a música, principalmente as músicas de protesto. Querendo ou não, o samba, como eu falo, as pessoas falam de muita coisa, mas o samba tem esse lugar também, assim como o hip hop, assim como o rap, assim como o funk. De ter esse lugar de... A gente olha e a gente faz um autorretrato e faz um retrato da sociedade, faz um retrato da comunidade, faz um retrato do que a gente vive, sabe? Através das canções, através da letra, através da música.” (25:22) “Então, é isso que eu quero deixar. Eu quero deixar o relato do que eu vivi entre 2018, 2017, mais ou menos, até 2024. Os que virão aí para ser uma forma de empoderamento, uma forma de resistência também, uma forma de um abraço, um acalento também, sabe? Eu acho que é isso que a música faz para mim e é isso que eu quero passar para as pessoas.”
TÉC	TRECHO DE UMA MÚSICA DELA
ANC	Falando sobre uma perspectiva de quem já trabalhou com empresário, Alessandra conta quais são as vantagens de ser uma artista independente, já que apesar das

	dificuldades, também existem os benefícios de gerenciar a própria carreira.
TÉC	SONORA ALE (26:21) "eu já fui agenciada por um período e tenho um convívio legal com as pessoas que já me agenciaram, mas, assim, o meu caminho, que foi isso que eu estava até contando, a partir do momento que eu comecei, vamos colocar no zero e vamos começar uma nova história. E aí eu senti essa necessidade mesmo de ter as rédeas, assim, ter totalmente ali o controle de tudo que estava acontecendo. Então, eu acho que isso, pra mim, fez muito bem, sabe? Foi nesse exato momento que saí de todas as amarras mesmo e comecei a falar tudo que eu queria falar, comecei a vestir da forma que eu gostaria e que me representa e que eu fico à vontade. Das coisas simples, né, que a gente acha que não faz a diferença, mas faz toda a diferença pra nossa existência, pra nossa mente e reflete na minha criatividade."
ANC	Sandra também tem uma opinião muito parecida com a de Alessandra, já que teve um empresário durante boa parte de sua carreira.
TÉC	SONORA SANDRA: (7:10) "Sendo independente, a gente tem mais, muito mais autonomia, sabe? Eu já tive empresário, fiquei 10 anos com trabalho de empresário, mas aí é sempre o empresário que dá a carta, diz o que tem que gravar, com quem gravar, onde gravar, e aí nem sempre é aquilo que a gente quer. Então isso também ajuda muito, eu tenho muito a agradecer esse tempo todo que eu tive o empresário, mas também tem muita coisa que eu gostaria de ter feito da minha forma, e aí eu não consegui fazer."

	Sim, por essas questões. Por essas questões. Mas são ossos do ofício, né? Todo mundo que tem empresário, por isso que a Anitta hoje não tem, e outras cantoras não têm, sabe que não é fácil, que a gente tem que andar conforme a cartilha.”
ANC	E apesar de todo o trabalho pra se manter na música, Sandra recebeu um reconhecimento de alto nível que deu mais força ainda pra continuar no caminho da música. Em 2018, foi indicada ao Prêmio da música brasileira, perguntei o que isso representou na vida dela.
TÉC	SONORA SANDRA (11:10) “Nossa, muita coisa. Olha menina, você não tem noção. Aí eu falo, volto lá falar com você daquela mesma história. Toda vez que acontece uma tragédia na minha vida, vem uma coisa boa junto. E o Prêmio da Música eu tinha sofrido uma agressão. Eu tinha uma semana quando recebi o envelope do Prêmio da Música. E aí foi o bálsamo da minha vida, né? O bálsamo de levantar a música e levantar as pessoas. Fui indicada como melhor cantora de samba juntamente com a Alessia Brandão, que é a minha musa, que me recebeu muito bem no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Eu com aquele monte de artistas, aquele monte de gente incrível. E, meu Deus, a preta do furtado da Olavo Costa venceu. É muito bacana você estar ali. Mesmo não ganhando, né? A Alessia era a bola, lógico, por toda a história dela. Mas essa indicação me rende até hoje para o meu currículo, a coisa para o resto da minha vida.”
TÉC	TRECHO DE UMA MÚSICA DA SANDRA

ANC	No caso de Alessandra, um ponto importante para alavancar sua carreira foi em 2013, quando ela participou do The Voice Brasil. Seus amigos sabiam que ela cantava bem e insistiram que ela enviasse uma audição por vídeo para o programa.
TÉC	SONORA ALESSANDRA (20:24) "E fiz aí, foi o primeiro momento que aí o meu vídeo passou. E aí, a segunda música, aí já lá, né? Na primeira audição, mas só com os produtores. Eu fiz um samba. E aí, depois, só foram essas duas audições. Aí, depois, já foi a audição às cegas dessa vez, assim. Mas aí foram várias coisas que a gente foi percebendo na hora, descobrindo na hora. Tipo, eram 48 vagas, mas tinham umas 200 pessoas pra cantar. E muita gente boa. Então, assim, até pras pessoas que não passaram naquele momento, até pra quem não ganhou, enfim, eu, como uma pessoa que não ganhou, fiquei muito feliz da troca mesmo, de conhecer pessoas do Brasil inteiro, que comemoram comigo, assim, nessa questão do mesmo sonho, do mesmo propósito, sabe? Mas foi loucura." // (21:25) "a partir da minha participação, eu tive que tirar uma banda em questão de meses, porque, enquanto eu tava no programa, já tinham vários convites de cidades vizinhas. E eu não tinha um show. Como eu tava te falando, eu fazia parte de outros projetos, mas sempre como freelancer. Eu não tinha um projeto meu, assim, consolidado, sabe? E aí foi a partir do The Voice, querendo ou não, que eu comecei mesmo a construção da marca, e do projeto, da proposta, nesse momento em que estive. Num primeiro momento, ainda bem na sombra do projeto, e aí depois agora, uns cinco anos pra cá, e aí

	eu fui e comecei.”
ANC	Sandra e Alessandra possuem carreiras consolidadas na região como artistas independentes. Ambas comentaram que fazem todo o trabalho de divulgação e redes sociais por conta própria, assim como a parte de criação de suas músicas. // Elas são apenas dois exemplos de artistas que fazem música há décadas, mas mesmo assim encontram dificuldade em viver apenas dessa profissão. A desvalorização dos artistas ainda é um problema estrutural, mas que não deve ser um empecilho para quem sonha em seguir esse caminho. // Ambas dizem que o maior objetivo da carreira é conseguir viver apenas de sua música de uma forma confortável.
TÉC	SONORA SANDRA: (15:51) “Ah, meu maior objetivo é conseguir pagar a conta, dormir, é dormir, é saber que amanhã eu não vou ter que ficar, tipo, tem época da vida que a gente consegue muita coisa. Tipo, chegou setembro, outubro, novembro, dezembro, você vai porque veio o carnaval, começa a ter mais trabalho, então o dinheiro entra mais. Essa época do ano, por exemplo, é péssima. É época, tipo, do dia inteiro, de festa, de agropecuário, isso. Pra gente que é do samba, já é mais difícil, então a gente pega outras casas, outras coisas pra fazer, pra suprir isso. Com isso também a gente perde muito músico, que o músico fica flutuante, porque a agenda diminui muito. Então, assim, tem essas questões.”
TÉC	SONORA ALESSANDRA: (30:10) “Eu acho que assim, hoje eu sobrevivo da música e eu quero viver da música, né? De uma forma confortável, porque eu acho que é isso que eu

	enquanto artista independente, quero ser, é isso mesmo, não tem jeito... o que eu acho que me espera. Mas, para além disso, eu quero deixar memórias boas, sabe? Contribuir para novas memórias, mas deixar coisas boas assim, a partir das minhas canções, a partir de como eu me importar também enquanto cidadã. Porque eu acho que é muito importante, eu acho que o artista tem que saber que ele influencia tantas, várias pessoas né? E a gente também tem que saber cada passo que a gente dá, cada fala que a gente fala, principalmente na internet, sobre tantas coisas sensíveis, né?" // (31:12) "Mas eu acho que é isso, acho que eu quero viver de forma digna da minha profissão e a minha profissão é música. E eu quero gerar o meu conteúdo, quero deixar coisas boas e relevantes assim pra sociedade."
ANC	A arte está presente em todos os lugares e de diversas formas, apesar das dificuldades de ser um artista independente, sempre vale a pena ir atrás de um sonho. E se o seu sonho é fazer música, se liga nos conselhos que essas duas têm pra você.
TÉC	SONORA SANDRA (18:19) "Eu acho que o grande conselho que eu daria hoje é persistência. Primeiro, começar. Segundo, ouvir as pessoas, porque a crítica é muito importante. E outra, ter percepção se a crítica é verdadeira ou não. E daí, se ela acha que ela vai, se ela ouviu, se ela acha que tá legal, vá embora e não deixe nunca, não pare nunca. Eu tenho vontade de parar, tem hora. Mas eu falo, poxa, eu fui ajudante de cozinha, vou voltar pra essa panela de novo, sendo que eu gosto tanto de cantar, eu canto tão bem, e aí eu vou voltar

	pra essa panela de novo. (Não vale a pena não largar a mão de um sonho pra isso?) Pra isso, e meu sonho é viver da minha música. Meu sonho é conseguir chegar no final do mês e falar, vou conseguir, hoje eu não tenho aperto pra pagar internet, pagar aluguel, pagar isso, pagar aquilo, porque isso tudo é assombroso pra um artista, entendeu?”
TÉC	SONORA ALESSANDRA (31:54) “Eu acho que primeiro pra você mesmo acreditar em você, porque a maré sempre tá contra, a verdade é essa, sabe? São muitas pessoas que falam nossa tá bacana, mas aí querendo ou não na coxia já tá querendo te prejudicar de alguma forma, ou querendo ou não você acha que “nossa vai ser um sucesso” e emplacar, mas querendo ou não esse momento não vai ser assim que vai acontecer. Então assim, você primeiro acreditar mesmo e depois é você defender o seu trampo com unhas e dentes, ir pra cima mesmo e saber que o que você tá fazendo é único e só você que sabe fazer isso.”
ANC	Se você se interessou pela entrevista com as artistas, entre no site avozindependente.com para ver na íntegra toda a conversa que tive com elas. // Acompanhe elas nas redes sociais @alessandracrispin com n no final e @asandraportella. // Se você ouviu até aqui, provavelmente deve ter algum interesse em música, então o que eu peço pra você é: valorize artistas locais. Independente do seu gênero musical favorito, com certeza tem alguém aí fazendo um trabalho que você vai gostar!
TÉC	VINHETA

ANC	No próximo episódio vamos ouvir sobre a nova geração de artistas de Juiz de Fora. Te espero lá.
	Eu sou Marina Cabral, e este programa é parte do meu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora, orientado pela professora Janaina Nunes. O episódio contou com a participação de Sandra Portella e Alessandra Crispin. Assistência de câmera por Ana Luisa Tostes. A produção, edição e locução foram feitas por mim. Você pode ver mais informações sobre o projeto pelo site avozindependente.com. Este episódio usou áudios da entrevista “Mulheres na música - a nova (ou velha) luta das mulheres na música” com a Thabatha Arruda do canal BDMG Cultural.

APÊNDICE C - Roteiro do episódio “Uma nova geração musical”.

TÉC	VINHETA DE ABERTURA
TÉC	MÚSICA CONTINUA BAIXA
ANC	Você conhece a nova geração de artistas em Juiz de Fora?
TÉC	SONORA IGOR (1:36) “Como artista, eu escrevo músicas, canto músicas, produzo músicas. Basicamente, é tudo que eu sempre quis fazer desde que eu comecei a tocar os meus primeiros acordes no violão, era fazer o que eu faço hoje. Hoje eu toco em shows, em bares, em casas noturnas, eu faço produções musicais próprias e de outros artistas e foi um processo bem legal que aconteceu ao longo dos anos e que me permitiu me

	transformar pra além de um músico que é apenas compositor das suas canções, mas um músico que pensa na completude geral da sua música, desde o processo da criação da melodia, da harmonia, até a produção musical, quando ela vai chegar no ouvido das pessoas nas plataformas digitais.”
ANC	Eu sou Marina Cabral e este é o terceiro episódio de “A voz independente”, um podcast sobre a cena musical independente de Juiz de Fora.
ANC	Como vimos nos episódios anteriores, a cidade tem uma cena cultural muito grande, principalmente quando se trata de música. Dessa vez vamos falar sobre a nova geração de artistas que vem ocupando espaços e se reinventando na cena autoral. Como é a visão dessas pessoas que já começaram suas carreiras na era digital?
TÉC	BG TECLADO DE CELULAR
ANC	Juiz de Fora é considerada uma cidade com grande número de jovens adultos. Segundo os dados do Censo de 2022, 82.364 pessoas da cidade estão na faixa etária entre 20 e 29 anos, isso representa um pouco mais de 15% da população geral. Por conta disso, foram se formando muitos espaços culturais voltados para esses jovens, que muitas vezes vem pra cidade para entrar na Universidade Federal de Juiz de Fora. // Aqui existem espaços para todos os tipos de gostos, principalmente quando falamos de música.// Os novos artistas entram em cena para cativar o público com seus trabalhos.
ANC	Hoje vamos ouvir três pessoas muito especiais, que

compõem essa nova geração de músicos da cidade.

A primeira entrevista foi feita com a Marijú, uma amiga que conheci no teatro e já lançou vários singles como cantora independente. Recebi ela em minha casa, que fica no Alto dos Passos e conversamos na sala. Era um sábado de manhã e o dia estava ensolarado, o que criou uma luz natural na filmagem de vídeo (que está disponível no site, caso você queira ver). //

A segunda foi feita com a Mariana, integrante da banda de rock InOutside, que é formada só por mulheres. Dessa vez ela quem me recebeu em sua casa, que por acaso fica pertinho da minha, no mesmo bairro. Mari e seus gatos me receberam em sua sala, numa tarde de sexta-feira, quase uma semana depois do encontro que tive com Marijú. Cheguei até a Mariana por causa de sua banda, que eu já seguia há um tempo, mas não conhecia nenhuma das meninas pessoalmente. Fiquei feliz quando ela topou participar de primeira. //

E como eu sou uma pessoa ansiosa, já encontrei com o Igor Silveira na mesma tarde, logo após a entrevista da Mari. Fui do Alto dos Passos até o Centro para a casa dele. Assim como a Marijú, também conheci ele por causa do teatro, então o contato foi mais fácil. Gravamos no quarto do Igor, onde ficam todos os seus instrumentos e é o plano de fundo da maior parte de seus vídeos do Instagram. Em todas as entrevistas quem estava comigo operando a câmera era a Ana Luisa Tostes, que também estuda Jornalismo na UFJF.

ANC	Uma das principais diferenças entre os artistas dessa geração em comparação com as décadas passadas é a internet. Os três entrevistados, por exemplo, já começaram suas carreiras no momento em que o digital estava muito presente. A Marijú e o Igor comentam sobre o baixo custo e a possibilidade de conexões através das redes sociais.
TÉC	SONORA MARIJÚ (2:53) "A minha maior ferramenta são as redes sociais. Quando a gente lança música, é um meio mais fácil. Mas a gente também já utilizou, na minha última música que eu lancei com o meu amigo Cadu, a gente lançou pra alguns grupos, é uma rede social também, né? Grupos de WhatsApp, a gente foi divulgando lá também. Pessoas que são fãs de algum artista parecido, a gente também divulga lá. Mas é só a rede social, completamente pelas redes sociais. YouTube, Instagram." // (3:31) "porque também é uma maneira mais em conta, a gente não precisa gastar pra isso. Igual colocar música na rádio, às vezes é um pouco mais complicado. Mas é a forma mais simples que tem e é mais eficaz pra gente."
TÉC	SONORA IGOR (6:34) "Eu acredito que hoje é fundamental a gente utilizar a tecnologia e as redes sociais, principalmente, pra poder divulgar o nosso trabalho. Eu diria que as redes sociais, hoje em dia, principalmente o Instagram e o TikTok, com o YouTube também, são as redes sociais primordiais pra gente passar a nossa música adiante. São as plataformas em que a gente consegue se conectar não só com as pessoas que a gente conhece e que consomem o nosso trabalho em uma região

	geográfica local, mas é uma forma da gente expandir o nosso trabalho pra além dessas barreiras geográficas.”// (7:14) “Por exemplo, um artista que mora em Juiz de Fora, através da internet, ele tem a capacidade de levar a sua música pra outros estados e até pra outras regiões do mundo. Então, eu, hoje em dia, utilizo sim as redes sociais, é uma forma de você disseminar com facilidade. Acredito que tenha suas dificuldades você usar as redes sociais e colocar a produção de conteúdo na sua rotina de forma saudável, sem que isso atrapalhe a sua rotina profissional, a sua saúde mental, mas elas podem ser usadas, sim, de uma maneira muito benéfica.”
ANC	Apesar dessa facilidade e eficácia das redes sociais, a Mari traz o contraponto de que essa acaba virando mais uma tarefa pro artista, que poderia estar focando em outras coisas.
TÉC	SONORA MARIANA (10:33) “Acaba que ao mesmo tempo que é necessário, é o que mais atrapalha o artista de produzir músicas de qualidade, porque a gente não tem tempo e nem cabeça pra focar em produzir a música, em dar tudo de si, colher referências, produzir artisticamente, porque a gente ao mesmo tempo que tá ocupado com isso, tá ocupado em ser o próprio social media, em ser o próprio empresário, o booking, enfim, marketing, tudo, e sem ter instrução nenhuma, né? Então a gente vai tateando e vai descobrindo e tem que ficar fazendo média e tem que deixar passar certas ofensas com algumas coisas, porque ainda mais nós somos mulheres, porque se a gente reclama a gente é barraqueira, e enfim, a gente acaba não conseguindo focar no nosso trabalho, que poderia estar

	produzindo muito mais, né? Muito mais.”
ANC	O artista independente, na maioria das vezes, precisa dar conta de gerenciar todos os aspectos de sua carreira, sem um financiamento externo, o que passa a ser um dos maiores desafios na visão dos entrevistados.
TÉC	SONORA IGOR (9:59) “A primeira vez que eu percebi que eu iria ser um artista solo foi quando a banda que eu tocava acabou e eu entendi que, apesar da banda, eu queria muito escrever minhas canções e lançá-las para o mundo. Eu entrei em contato com vários estúdios para poder gravar e percebi que, para fazer aquilo acontecer, eu ia ter que desembolsar um investimento muito grande. Eu acho que o investimento financeiro é a primeira barreira do artista independente, você não ter uma grana à disposição para você fazer uma ideia que vem de uma paixão grande, geralmente de infância, acontecer é muito chateador.”
TÉC	SONORA MARIJÚ (4:42) “Os principais desafios são persistir mesmo. É muito difícil continuar, porque é muito difícil a gente acordar todos os dias e focar. Porque é um ramo que dá muito trabalho. Lançar a música dá muito trabalho. É uma coisa que tem que ser bem pensada, você tem que procurar bastante um time de pessoas que você gosta. Então eu acho que persistir é muito difícil, mas a gente tenta ir caminhando. Eu acho que os maiores desafios também são financeiros, às vezes. Porque realmente a produção musical é uma coisa muito cara. Então às vezes a gente precisa ter um planejamento de meses mesmo, de preparo pra poder

	lançar. E se você quiser lançar algo visual. Então eu acho que os maiores desafios são esses.”
ANC	Por causa desses fatores, o apoio do público se torna ainda mais essencial na carreira de artistas independentes. Quanto mais visibilidade eles conseguem, mais oportunidades de trabalho surgem e, consequentemente, fica mais viável produzir novos projetos.
TÉC	SONORA IGOR (22:54) “Eu acho que necessariamente os artistas precisam do público em todas as instâncias. O artista faz uma música, ele produz e grava uma música, é para alguém escutar. Eu acho que o artista monta um show para o público. Eu acho que o artista monta um show e sobe em cima de um palco para poder cantar para um público poder assistir.” // (23:49) “Existe, acredito, uma forma muito passiva de se consumir a arte musical hoje no Brasil e talvez também junto de fora, que é de não perceber um processo trabalhoso que é passado para poder a música chegar nos nossos ouvidos, para um show estar em cima de um palco. E acho que o envolvimento do público com o artista, consumindo a sua música nas plataformas digitais, comprando o ingresso para assistir o seu show, é fundamental para que essa máquina continue existindo. Afinal de contas, fazer música é uma profissão, é um trabalho e esse trabalho precisa de pessoas consumindo. E essa conexão é fundamental entre artista e público, é uma conexão necessária.”
TÉC	SONORA MARIJÚ (10:06) “A importância do público é essencial. Por mais que sejam só os amigos ou a família

	não fure tanto a bolha, eu acho que é muito importante. Porque te motiva. Então sempre tem amigos, ah, quando você vai lançar alguma coisa postar os vídeos, incentiva muito. Eu acho que realmente o apoio das pessoas é muito bom. Eu gosto muito de ter o contato. Eu gostaria de ter mais presente também, né? Postar mais coisas. Mas o que me motiva mesmo são as pessoas que acompanham ali, sabe? Porque incentiva mais.”
TÉC	TRECHO MÚSICA MARIJÚ
ANC	A Mariana conta que a questão de gênero ainda é um problema para muitos contratantes, principalmente pela InOutisde ser uma banda de rock só de mulheres. Muitos não levam a sério o potencial delas, sem antes mesmo de ouvirem as músicas. Nesse caso o apoio do público é ainda mais necessário para conseguirem propostas.
TÉC	SONORA MARI (8:55) “Eu acho que a gente sofre o triplo pra conseguir as mesmas coisas que uma banda de homens que acabou de ser formada e que tocou, fez três ensaios na garagem e consegue as coisas que a gente tá lutando há 10 anos pra conseguir. E geralmente é muito engraçado porque sempre tem um tom de surpresa quando as pessoas de fato dão uma chance pra ver a gente tocar. Ah, não é que elas tocam bem mesmo? Pô, a gente tem 12 anos de carreira, então tipo assim... É sempre com um tom de surpresa quando a gente recebe algum elogio. Chega a ser assim, é um elogio ou é uma ofensa, né? Mas a gente geralmente não é levada a sério nem pelo pessoal do próprio lugar, do som, muita gente não fecha evento com a gente porque fica meio assim e a gente às vezes é

	escancarado e às vezes você vê que é uma coisa meio velada, o povo fica tipo ah, não, mas tem alguma outra banda e aí sugere sempre bandas de homens, bandas de homens, bandas de homens.”
TÉC	TRECHO MÚSICA INOUTSIDE
ANC	Além disso, Marijú, Igor e Mariana falaram da importância da criação de uma identidade cultural na cidade, que tem tanto potencial de crescimento nesse ramo, e eles, claro, também fazem parte dessa construção.
TÉC	SONORA MARIJÚ (8:04) “Eu acho importante porque eu acho que a gente precisa ter um exemplo e ser também um exemplo das próximas pessoas que estão vindo na cidade. Eu acho que a cidade tem muito potencial para crescer ainda mais, esse mercado aqui. Nós temos pessoas talentosíssimas e eu fico em choque toda vez que eu vejo novos projetos surgindo, eu fico pensando em quão rico é a nossa cidade de cultura. E a gente precisa abraçar isso e incentivar as outras pessoas, com certeza.”
TÉC	SONORA MARIANA (16:55) “Eu acho que é importantíssimo. Eu acho que as bandas autorais, elas tinham que ser muito mais endossadas pelas casas de show, pela prefeitura. Muito mais do que as bandas de releitura, banda cover, porque isso já vai ser sempre. Sempre vai ter público querendo escutar as mesmas músicas que conhece desde que é novinho. E quem tá dando a cara a tapa pra criar uma identidade da própria banda e, consequentemente, da própria cidade, do próprio estado,

	do próprio país, criar coisas novas, sair do mesmo ali, não recebe a atenção. Ser uma banda autoral, além de ser difícil ser uma banda de mulher, ser uma banda autoral é muito difícil. É onde assim, ah, mas eu não conheço essa banda, o que é que eu vou escutar? Eu não conheço, não faço ideia das músicas que elas tocam, eu quero ouvir Guns N' Roses, eu quero ouvir, sei lá, Rolling Stones, Beatles, eu quero ir lá e escutar o que eu tô acostumada. E o pensamento da sociedade sempre vai ser assim. Então, a gente, eu acho que a responsabilidade de quem tem o poder na mão é esfregar que, olha, escute o novo, porque assim, o novo passa a entrar dentro da sociedade também."
TÉC	SONORA IGOR (20:45) "Eu acho que a nossa cidade tem uma cultura muito grande de execução ao vivo dos covers e essa execução engessa de certa forma o artista num lugar de pouca originalidade. Eu acredito que existe um certo receio dos artistas de se colocarem num lugar de criação com medo de faltar espaços para que eles coloquem as suas obras. Então, quanto mais artistas a gente tiver dentro da nossa cidade criando as suas músicas, fazendo as suas canções, tocando elas ao vivo, a gente cria um ambiente de prática cultural. Não só para que esses artistas saibam e tenham uma liberdade artística, mas para que o público se acostume também a ouvir coisas diferentes, coisas originais e coisas que são feitas pelas pessoas que nasceram na própria cidade, que pode ser uma pessoa da sua família, pode ser uma pessoa do seu bairro, pode ser uma pessoa que você estuda, que você trabalha e essas pessoas são criadoras. A criação

	que vem de fora não é melhor, necessariamente, do que a criação que vem de dentro. Criar a cultura de uma criação original na música juiz forana é uma possibilidade da gente implantar uma cultura diversa e uma cultura criativa dentro da cidade.”
TÉC	TRECHO MÚSICA IGOR
ANC	A música está presente na vida de todos nós e é importante saber que os artistas independentes vivem dela por paixão e continuam com seus trabalhos apesar das dificuldades dentro do ramo e o reconhecimento é um sonho que muitos almejam em suas carreiras.
TÉC	SONORA IGOR (29:30) “meu objetivo maior como artista é ser reconhecido como um bom compositor, como um bom cantor, como um bom produtor musical e agora também como um bom ator.”
TÉC	SONORA MARIJÚ (12:10) “O meu objetivo é realmente viver plenamente a arte. Se eu tô feliz agora, é isso. Então eu aprendi que eu, valorizando na minha própria vida a arte, eu acho que vai ser suficiente. Por enquanto eu vivo ela muito presente, né? Todos os dias, praticamente, tenho projetos pra ensaiar. E eu acho que é isso. Pra mim é o suficiente. Eu me sinto muito realizada nesse momento de viver a arte por si só. É o meu maior objetivo, é continuar vivendo ela e não apagar essa chama nunca.”
TÉC	SONORA MARIANA (19:45) “Eu queria muito levar minha música pro máximo de ouvidos possíveis pra encontrar quem pensa e se identifica com o que eu faço. E

	consequentemente, conseguir viver do que eu faço de melhor, que é fazer música, e na minha opinião é o que eu faço de melhor e viver de uma coisa que é tão essencial pra mim, que é fazer música. É muito doido, porque artista, as pessoas falam isso e as pessoas não acreditam, artista precisa fazer arte, precisa, no meu caso, fazer música. A gente não tem, mesmo que não seja profissionalmente, a gente não tem essa opção de não fazer, a gente sofre muito se a gente não faz. Então, eu queria muito poder viver de uma coisa que eu preciso fazer, se eu já preciso fazer, que bom seria poder viver disso, né?”
TÉC	VINHETA
ANC	Se você tem interesse em ver as entrevistas com a Marijú, com o Igor ou com a Mariana na íntegra, é só acessar o site avozindependente.com. Siga os artistas no instagram pra ficar por dentro de seus projetos e lançamentos @amariju__, @igrsilveira, @marianacampello e @inoutsideoficial.
ANC	Eu sou Marina Cabral, e este programa é parte do meu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora, orientado pela professora Janaina Nunes. O episódio contou com a participação de Marijú, Igor Silveira e Mariana Campello. Assistência de câmera por Ana Luisa Tostes. A produção, edição e locução foram feitas por mim. Você pode ver mais informações sobre o projeto pelo site “a voz independente”.